



LAÇOS DE 3 SANGUE

A SAGA DO SANGUE FRESCO - VOLUME VIII

CHARLAINE HARRIS

Tradução de Renato Carreira



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

VOLUMES PUBLICADOS NESTA SÉRIE:

Sangue Fresco
Dívida de Sangue
Clube de Sangue
Sangue Oculto
Sangue Furtivo
Traição de Sangue
Sangue Felino
Laços de Sangue

Mesmo que já não consiga andar ou ver tão bem como antes, a minha mãe, Jean Harris, continua a ser a pessoa mais completa que alguma vez conheci. Tem sido o baluarte da minha existência, o alicerce sobre o qual me construí e a melhor mãe que uma mulher poderia ter.



Agradecimentos

Tiro o chapéu a Anastasia Luetkecke, que foi uma perfeccionista a fornecer-me o latim de Octavia. E obrigado a Murv Sellars por ser o intermediário. Como sempre, a minha gratidão é abundantemente devida a Toni L. P. Kelner e Dana Cameron pelos seus comentários inestimáveis e pela dádiva do seu tempo. A minha única sequaz, Debi Murray, ajudou-me com o seu conhecimento enciclopédico do universo de Sookie. O grupo de leitores entusiásticos conhecido como *Charlaine's Charlatans* providenciou-me apoio moral (e incentivo) e espero que este livro possa ser a sua recompensa.



Se isto fosse *O Senhor dos Anéis* e eu tivesse um sotaque britânico sofisticado como a Cate Blanchett, poderia contar-vos o que conduziu aos acontecimentos desse Outono de uma forma cheia de suspense. E ficariam ansiosos por ouvir o resto.

Mas o que aconteceu no meu pequeno canto do Noroeste do Louisiana não foi uma história épica. A guerra entre os vampiros assemelhou-se mais à anexação de um país pequeno e a guerra entre os lobisomens foi como um confronto fronteiriço. Até nos anais da América sobrenatural (acho que existirão algures) foram capítulos menores... menos para quem esteve activamente envolvido na anexação e nos confrontos.

Nesse caso, foram muito importantes.

E tudo foi culpa do Katrina, a catástrofe que não parou de espalhar sofrimento, mágoa e mudanças permanentes por onde passava.

Antes do furacão Katrina, o Louisiana tinha uma vigorosa comunidade de vampiros. Aliás, a população de vampiros de Nova Orleães cresceu de tal forma que a cidade se tornou o sítio a ir para quem os queria ver. E muitos americanos queriam. Os clubes de jazz para não-mortos, apresentando músicos que ninguém via actuar em público há décadas, eram particularmente apelativos. Clubes de *strip* vampiros, médiuns vampiros, números de sexo ao vivo com vampiros. Sítios secretos e não tão secretos onde alguém poderia ser mordido e ter um orgasmo sem dificuldade. Tudo isto estava disponível no Sul do Louisiana.

No Norte do estado... nem por isso. Vivo no Norte, numa pequena cidade chamada Bon Temps. Mas mesmo na minha zona, onde há

relativamente poucos vampiros, os não-mortos conseguiam avanços económicos e sociais.

A verdade era que os negócios dos vampiros no Estado do Pelicano iam de vento em popa. Mas depois veio a morte do rei do Arkansas, durante visita à esposa, a rainha do Louisiana, pouco após o casamento. Porque não restou nada do corpo e todas as testemunhas (menos eu) eram sobrenaturais, a lei humana não se preocupou. Mas os outros vampiros sim e a rainha, Sophie-Anne Leclerq, viu-se numa posição jurídica muito complicada. Depois, o Katrina dizimou a base financeira do império de Sophie-Anne. Mesmo assim, a rainha conseguiu sobreviver a um desastre e outro o seguiu, com prontidão implacável. Sophie-Anne e alguns dos seus seguidores mais próximos (e eu, Sookie Stackhouse, telepata humana) foram atingidos por uma explosão terrível em Rhodes, que destruiu um hotel para vampiros chamado *Pyramid of Gizeh*. Um grupo dissidente da Irmandade do Sol reivindicou a acção e, enquanto os líderes dessa «igreja» anti-vampiros lamentavam o crime odioso, todos sabiam que a Irmandade dificilmente se preocuparia com os que tinham sofrido ferimentos terríveis na explosão e muito menos com a morte (definitiva e final) dos vampiros e dos humanos que os serviam.

Sophie-Anne perdeu as pernas, vários membros da sua comitiva e o seu companheiro de séculos. A sua vida foi salva pelo advogado meio demónio, o Sr. Cataliades. Mas a recuperação seria demorada e encontrava-se numa posição de terrível vulnerabilidade.

Qual era o meu papel em tudo aquilo?

Ajudei a salvar vidas depois da destruição do *Pyramid* e sentia-me aterrorizada por poder ter atraído a atenção de gente que me quisesse ao seu serviço, usando a minha telepatia para atingir os seus objectivos. Alguns desses objectivos eram positivos e não me importaria de ajudar ocasionalmente serviços de resgate, mas queria manter uma vida própria. Estava viva. O meu namorado, Quinn, estava vivo. E os vampiros que me eram mais importantes também tinham sobrevivido. Quanto aos problemas enfrentados por Sophie-Anne, as consequências políticas do ataque e o facto de haver grupos sobrenaturais a rondar o enfraquecido estado do Louisiana como hienas rondando uma gazela moribunda... nem sequer pensava no assunto.

Tinha outras coisas em que pensar. Coisas pessoais. Não estou habituada a pensar muito além do que posso tocar com a ponta dos dedos. É essa a minha única desculpa. Não apenas não pensava na situ-

ação dos vampiros, como havia outra situação sobrenatural imprevista que se revelou igualmente crucial para o meu futuro.

Perto de Bon Temps, em Shreveport, há uma alcateia de lobisomens com fileiras enriquecidas pelos homens e mulheres da base da Força Aérea de Barksdale. Durante o ano anterior, esta alcateia viu-se claramente dividida em duas facções. Aprendi nas aulas de História Americana o que Abraham Lincoln tinha a dizer, citando a Bíblia, sobre casas divididas.

Presumir que estas duas situações se resolveriam sozinhas, não conseguir perceber que a sua resolução me envolveria... bom... foi aí que fui dominada por uma cegueira quase fatal. Sou telepata. Não sou vidente. As mentes dos vampiros são grandes vazios tranquilizantes para mim. Os lobisomens são difíceis de ler, mas não impossíveis. É essa a minha única desculpa para não perceber os sarilhos crescentes à minha volta.

Ocupava-me a pensar em quê? Em casamentos... E no meu namorado desaparecido.





1

Compunha um arranjo ordenado de garrafas de bebida sobre a mesa dobrável atrás do bar portátil quando Halleigh Robinson se aproximou, com a expressão habitualmente doce corada e marcada por lágrimas. Porque estava a uma hora de se casar e ainda vestia calças de ganga e uma camisola de manga curta, conseguiu atrair de imediato a minha atenção.

— Sookie! — disse, contornando o bar para me agarrar pelo o braço. — Tens de me ajudar.

Já a estava a ajudar por ter vestido a farda de trabalho em vez do vestido bonito que planeava usar.

— Claro — respondi, imaginando que Halleigh queria que lhe preparasse uma bebida especial, ainda que, se lhe tivesse ouvido os pensamentos, saberia que não. No entanto, tentava manter um comportamento exemplar e escudava-me como doida. Ser telepata não é brincadeira, sobretudo num evento de tensões elevadas como um casamento duplo. Esperara ser convidada e não empregada de bar. Mas a empregada de bar do serviço de catering envolveu-se num acidente de viação na viagem de Shreveport até ali e Sam, que fora descontratado quando a *EE(E)* insistiu em usar pessoal próprio, viu-se abruptamente recontratado.

Senti-me um pouco desiludida por estar atrás do bar, mas era preciso fazer a vontade à noiva no seu dia especial.

- Em que posso ajudar-te? — perguntei.
- Preciso que sejas a minha dama de honor — disse.
- Hã... o quê?

— A Tiffany desmaiou depois de o Sr. Cumberland terminar a primeira rodada de fotografias. Vai a caminho do hospital.

Faltava uma hora para o casamento e o fotógrafo tentara despachar várias fotografias de grupo. As damas de honor e os padrinhos já estavam retratados. Halleigh devia estar a vestir-se de noiva, mas, ao invés, estava de calças de ganga e com rolos no cabelo, sem maquilhagem e com a cara riscada pelas lágrimas.

Quem poderia resistir?

— Tens o tamanho certo — disse. — E a Tiffany deve estar prestes a ficar sem o apêndice. Podes experimentar o vestido?

Olhei Sam, o patrão.

Sorriu e acenou afirmativamente.

— Vai lá, Sook. Não abrimos oficialmente até depois do casamento.

Segui Halleigh até Belle Rive, a mansão dos Bellefleur, recentemente restaurada e tendo recuperado alguma da sua glória anterior à guerra. Os pisos de madeira reluziam, o dourado da harpa junto à escada brilhava, as pratas expostas no grande aparador na sala de jantar tinham sido meticulosamente polidas. Havia empregados de casaco branco cirandando por toda a parte, com o logótipo da *EE(E)* na farda, em letras negras elaboradas. A *Eventos Extrem(amente Elegantes)* tornara-se a principal empresa de catering dos Estados Unidos. Senti uma pontada no coração quando vi o logótipo porque o meu namorado desaparecido trabalhava para a divisão sobrenatural da *EE(E)*. Não tive muito tempo para apurar a dor porque Halleigh me arrastava pelas escadas acima até um sítio frenético.

O primeiro quarto no piso de cima estava cheio de mulheres mais ou menos jovens com vestidos dourados, todas rodeando a futura cunhada de Halleigh, Portia Bellefleur. Halleigh passou essa porta a correr e entrou no segundo quarto à esquerda. Estava igualmente cheio com mulheres mais jovens, mas aquelas vestiam *chiffon* azul-escuro. Reinava o caos no interior, com as roupas civis das damas de honor empilhadas aqui e ali. Havia uma mesa de maquilhagem e penteados junto à parede ocidental, servida por uma mulher estóica de bata rosa e com ferro de frisar na mão.

Halleigh distribuiu apresentações em redor como projecteis de papel soprados por uma criança.

— Meninas, esta é a Sookie Stackhouse. Sookie, esta é a minha irmã, Fay, a minha prima, Kelly, Sarah, a minha melhor amiga, Dana, a minha outra melhor amiga. E aqui está o vestido. É um oito.

Espantava-me que Halleigh tivesse tido a presença de espírito para despir o vestido de dama de honor a Tiffany antes da sua partida para o hospital. As noivas são implacáveis. Em minutos, fui despida até à roupa interior. Senti-me grata por ter escolhido um conjunto bonito, já que não havia tempo para pudores. Como seria embaraçoso se tivesse cuecas de avozinha com buracos! O vestido tinha forro e não precisava de vestir nada por baixo, o que também era uma sorte. Havia um par extra de meias pela coxa, que vesti. A seguir, o vestido foi-me enfiado pela cabeça abaixo. Às vezes, uso o dez (na maior parte das vezes, para ser sincera) e, por isso, tive de conter a respiração enquanto Fay corria o fecho.

Se não respirasse muito, não haveria problema.

— Excelente! — disse uma das outras mulheres (seria Dana?) com grande júbilo. — Agora os sapatos.

— Ó Deus — exclamei quando os vi. Os saltos eram muito altos e a cor combinava com o azul do vestido. Enfiei os pés antecipando a dor. Kelly (possivelmente) fechou as correias e ergui-me. Todas sustivemos a respiração enquanto eu dava um passo e depois outro. Ficavam-lhe pequenos, pois eram meio tamanho abaixo do meu. E esse era um pormenor importante.

— Vou conseguir aguentar o casamento — disse, provocando aplausos a todas.

— Então para aqui — disse a Bata Rosa. Sentei-me na sua cadeira para que me aplicasse maquilhagem sobre a que já trazia e me mudasse o penteado enquanto as damas de honor a sério e a mãe de Halleigh a ajudavam com o vestido. A Bata Rosa tinha muito cabelo com que se entreter. Durante os três anos anteriores, só tinha aparado as pontas, se bem me lembrava, e tinha passado abaixo das omoplatas. A minha companheira de casa, Amelia, fizera-me madeixas que ficaram muito bem. Estava mais loura do que nunca.

Olhei-me no espelho de corpo inteiro e achei impossível que tivesse sido tão transformada em apenas vinte minutos. De empregada de bar com camisa branca de folhos e calças pretas a dama de honor com um vestido azul-escuro. E sete centímetros mais alta.

Estava fabulosa. A cor do vestido ficava-me muito bem. A parte de baixo tinha uma forma ligeira em A, as mangas curtas não eram

demasiado apertadas e não era decotado ao ponto de me fazer parecer uma galdéria. Com mamas como as minhas, o factor galdéria surge com facilidade se não tiver cuidado.

Fui arrancada à auto-contemplação pela pragmática Dana, que disse:

— Ouve, é assim. — Dali em diante, limitei-me a ouvir e acenar com a cabeça. Examinei um pequeno diagrama. Acenei um pouco mais. Dana era uma rapariga organizada. Se algum dia invadissem um pequeno país, queria ter aquela mulher a meu lado.

Quando descemos cuidadosamente as escadas (vestidos longos e saltos altos não eram uma boa combinação), estava devidamente informada e preparada para a minha primeira viagem pela coxia de uma igreja acima como dama de honor.

A maioria das raparigas fá-lo um par de vezes antes de chegarem aos vinte e seis anos, mas Tara Thornton, a única amiga suficientemente próxima para me convidar, decidira-se por um casamento-relâmpago enquanto estive fora da cidade.

Os convidados do outro casamento reuniam-se já no piso inferior quando descemos. O grupo de Portia antecederia o de Halleigh. Os dois noivos e os seus padrinhos estariam já no exterior, se tudo corresse bem. Faltavam cinco minutos para a descolagem.

Portia Bellefleur e as suas damas de honor tinham, em média, mais sete anos do que a comitiva de Halleigh. Era a irmã mais velha de Andy Bellefleur, detective da polícia de Bon Temps e noivo de Halleigh. O vestido de Portia era um pouco exagerado (estava coberto com pérolas e tanta renda e lantejoulas que o achei capaz de se erguer sem ninguém dentro), mas era o grande dia de Portia e podia vestir o que bem entendesse. As damas de honor de Portia vestiam-se de dourado.

Os ramos das damas de honor eram todos iguais, combinando branco, azul-escuro e amarelo. Coordenado com o azul-escuro dos vestidos que Halleigh escolhera para as suas damas de honor, o resultado era muito bonito.

A organizadora do casamento, uma mulher magra e nervosa com uma grande nuvem de cabelo encaracolado escuro, contava cabeças de forma quase audível. Quando verificou que toda a gente de que precisava estava presente, abriu as portas duplas para o enorme pátio de tijoleira. Vimos os convidados de costas para nós, sentados em duas secções de cadeiras dobráveis sobre a relva, com uma tira de passadeira vermelha entre elas. Viravam-se para a plataforma onde o padre se

erguia junto a um altar coberto com pano e castiçais acesos. À direita do padre, o noivo de Portia, Glen Vick, esperava, voltado para a casa. E, portanto, para nós. Parecia muito, muito nervoso, mas sorria. Os seus padrinhos ocupavam já as suas posições, a seu lado.

As damas de honor douradas de Portia saíram para o pátio e, uma a uma, começaram a marchar pela coxia, atravessando o jardim cuidado. O cheiro a flores de casamento adocicava o ar da noite. E as rosas de Belle Rive floriam, mesmo em Outubro.

Finalmente, anunciada por uma explosão musical, Portia atravessou o pátio até ao fundo da passadeira, com a organizadora do casamento (com algum esforço) erguendo-lhe a cauda do vestido para não arrastar sobre a tijoleira.

Com um aceno do padre, todos se levantaram, voltando-se para trás para conseguirem presenciar a marcha triunfal de Portia. Esperara anos por aquilo.

Depois da chegada segura de Portia ao altar, era a vez do nosso grupo. Halleigh distribuiu beijos a cada uma de nós sem tocar a bochecha, enquanto passávamos por ela e saíamos para o pátio. Foi simpático incluir-me. A organizadora do casamento enviou-nos uma a uma, para duplicarmos a posição ocupada pelo padrinho que nos fora atribuído, junto ao altar. O meu era um primo dos Bellefleur de Monroe, que ficou bastante sobressaltado por me ver em vez de Tiffany. Caminhei em passos lentos cuja importância Dana sublinhara e segurei o ramo nas mãos unidas no ângulo desejável. Observara as outras damas de honor com olhos de falcão. Não queria fazer asneiras.

Todas as caras se viraram para mim e senti-me tão nervosa que me esqueci de manter as defesas erguidas. Os pensamentos dos convidados invadiram-me num surto de informação indesejada. «Tão bonita... Que terá acontecido à Tiffany...? Uau, que prateleira... Vamos a despachar que preciso de um copo... Que raio faço eu aqui? Arrasta-me para todas as lutas de cães no condado... Adoro bolo de casamento.»

Uma fotógrafa colocou-se à minha frente e tirou uma fotografia. Era alguém conhecido, uma lobisomem bonita chamada Maria-Star Cooper. Era a assistente de Al Cumberland, um fotógrafo famoso de Shreveport. Sorri-lhe e tirou outra fotografia. Continuei pela passadeira fora, mantendo o sorriso e repelindo a barulheira da cabeça.

Após um momento, notei que havia espaços mentais vazios entre a multidão, o que assinalava a presença de vampiros. Glen pedira um casamento nocturno especificamente para poder convidar alguns dos

seus clientes vampiros mais importantes. Soube que Portia o amava realmente quando concordou com isso porque não gosta nada de chupadores de sangue. Aliás, arrepiam-na.

Eu simpatizava com vampiros, no geral, porque os seus cérebros se mantinham fechados para mim. Estar com eles era estranhamente tranquilo. Podia ser problemático de muitas outras formas, mas, pelo menos, o meu cérebro podia descontraír.

Finalmente, cheguei à posição que me fora atribuída. Vira como os acompanhantes de Portia e Glen se tinham disposto num V invertido, com um espaço à frente para os noivos. O nosso grupo fazia o mesmo. Percebi-o e expirei de alívio. Dado que eu não era a dama de honor principal, o meu trabalho chegara ao fim. Precisava apenas de ficar quieta e estar atenta e pareceu-me que conseguiria fazê-lo.

Houve um segundo crescendo musical e o padre voltou a fazer sinal. Os convidados ergueram-se e voltaram-se para olhar a segunda noiva. Halleigh começou a mover-se lentamente para nós. Parecia absolutamente radiante. Escolhera um vestido muito mais simples que o de Portia e parecia muito jovem e doce. Era, pelo menos, cinco anos mais nova do que Andy. Talvez mais. O seu pai, tão bronzeado e em forma como a mulher, avançou e tomou-lhe o braço por um momento, quando passou por ele. Porque Portia subira a coxia sozinha (o seu pai morrera há muito), decidiu-se que Halleigh faria o mesmo.

Depois de absorver o sorriso de Halleigh, passei os olhos pelos convidados, que se tinham virado para acompanhar a progressão da noiva.

Havia tantas caras familiares: professores da escola primária onde Halleigh dava aulas, colegas de Andy na polícia, os amigos da velha senhora Caroline Bellefleur que continuavam vivos e conseguiam mover-se com passos inseguros, os colegas advogados de Portia e outras pessoas que trabalhavam no sistema judicial e os clientes de Glen Vick e outros contabilistas. Quase todas as cadeiras estavam ocupadas.

Havia poucas caras negras visíveis e algumas caras hispânicas, mas a maioria dos convidados era composta por caucasianos da classe média. As faces mais pálidas pertenciam aos vampiros, claro. Conhecia bem um deles. Bill Compton, meu vizinho e antigo amante, sentava-se a meio da sua secção de cadeiras, vestindo um smoking e parecendo muito atraente. Bill conseguia parecer sempre à vontade com qualquer coisa que decidisse vestir. A seu lado, sentava-se a sua namorada humana, Selah Pumphrey, uma agente imobiliária de Clarice. Trazia um vestido cor de vinho que realçava o cabelo escuro. Haveria talvez uns

cinco vampiros que não reconhecia. Presumi que fossem clientes de Glen. Apesar de Glen não o saber, havia outros elementos presentes que eram mais (e menos) do que humanos.

Sam, o meu patrão, era um dos raros metamorfos capazes de assumir a forma de qualquer animal. O fotógrafo era um lobisomem, tal como a sua assistente. Para todos os convidados comuns, parecia apenas um homem negro atraente e bastante baixo, vestindo um fato de bom corte e empunhando uma grande câmara. Mas Al transformava-se num lobo com a lua cheia, como também sucedia com Maria-Star. Havia mais alguns lobisomens ali, apesar de apenas conhecer uma, Amanda, a ruiva quase quarentona que era proprietária de um bar em Shreveport chamado *Hair of the Dog*. Talvez a empresa de Glen se ocupasse da contabilidade do bar.

E havia um metamorfo que se transformava em pantera, Calvin Norris. Agradava-me ver que Calvin trouxera uma acompanhante, mas não me agradou tanto quando constatei que era Tanya Grissom. Que nojo. Que fazia ela outra vez na cidade? E quem tinha convidado Calvin? Simpatizava com ele, mas não conseguia perceber a ligação.

Enquanto procurava caras familiares entre a multidão, Halleigh ocupou a sua posição ao lado de Andy e todas as damas de honor e padrinhos tiveram de se voltar para a frente para presenciar a cerimónia.

Por não ter grande investimento emocional na ocasião, dei comigo a deambular mentalmente enquanto o padre Kempton Littrell, o sacerdote episcopal que vinha à igreja de Bon Temps uma vez em cada duas semanas, presidia ao ritual. As luzes montadas para iluminar o jardim eram reflectidas pelos óculos do padre Littrell e esbatiam parcialmente a cor da sua face. Parecia quase um vampiro.

As coisas seguiram o plano traçado. Era uma sorte estar habituada a estar de pé no bar porque teria de o fazer durante muito tempo e com saltos. Raramente uso saltos, muito menos saltos de sete centímetros. Era estranho ficar com um metro e setenta e nove. Tentei não me mexer com a impaciência que me roía a alma.

Glen punha o anel no dedo de Portia e Portia parecia quase bonita enquanto olhava as suas mãos unidas. Nunca fora uma das minhas pessoas preferidas (e era recíproco), mas desejava que fosse feliz. Glen era ossudo, tinha cabelo escuro a caminho de uma calvície e óculos grandes. Se alguém ligasse para uma agência de *casting* e pedisse o «contabilista típico», enviariam Glen. Mas conseguia perceber directamente pelo que pensava que amava Portia e que ela o amava a ele.

Movi-me um pouco, apoiando o peso do corpo um pouco mais sobre a perna direita.

A seguir, o padre Littrell começou tudo do princípio para Halleigh e Andy. Mantive o sorriso (sem problemas; fazia-o frequentemente no bar) e vi Halleigh tornar-se a Sra. Andrew Bellefleur. Tive sorte. Os casamentos podem ser longos na Igreja Episcopal, mas os dois casais optaram pela versão abreviada da cerimónia.

Por fim, a música irrompeu em acordes triunfantes e os recém-casados voltaram para casa. Os convidados seguiram-nos em ordem invertida. Quando seguia pela coxia, senti-me genuinamente feliz e um pouco orgulhosa. Ajudara Halleigh num momento de necessidade... e, muito em breve, poderia descalçar aqueles sapatos.

Da sua cadeira, Bill captou a minha atenção e, em silêncio, colocou a mão sobre o coração. Era um gesto romântico e completamente inesperado. Por um momento, consegui amolecer-me. Quase sorri, mesmo que Selah estivesse a seu lado. Recordei a tempo que Bill era um sacana desprezível e prossegui a minha caminhada dolorosa. Sam erguia-se um par de metros além da última fila de cadeiras, vestindo uma camisa formal branca, como a que eu vestira antes, e calças pretas. A descontração era o seu estado normal. Até a auréola emaranhada de cabelo louro arruivado acabava por condizer.

Esbocei-lhe um sorriso sincero e retribuiu. Ergueu-me um polegar e, apesar de os cérebros de metamorfos serem difíceis de ler, percebi que aprovava o meu aspecto e a minha prestação. Os olhos azul-claros acompanharam-me. Era meu patrão há cinco anos e quase sempre nos demos bem. Ficou bastante incomodado quando comecei a namorar com um vampiro, mas passou-lhe.

Precisava de ir trabalhar, sem demora. Aproximei-me de Dana.

— Quando podemos trocar de roupa? — perguntei.

— Ainda temos fotografias para tirar — respondeu Dana, animada. O marido viera rodeá-la com um braço. Segurava o bebé de ambos, uma criatura minúscula envolta numa cobertura amarela sem conotações de género.

— Não vão precisar de mim — disse. — Tiraram muitas fotografias antes, não foi? Antes de a não-sei-quem ficar doente.

— Tiffany. Sim, mas haverá mais.

Pareceu-me muito pouco provável que a família me quisesse nas fotografias, mesmo que a minha ausência desequilibrasse a simetria das fotografias de grupo. Encontrei Al Cumberland.

— Sim — disse-me, fotografando as noivas e os noivos enquanto sorriam uns para os outros. — Preciso de umas fotografias. Tens de aguentar mascarada.

— Merda — exclamei, com os pés doridos.

— Ouve, Sookie. O melhor que posso fazer é fotografar primeiro o teu grupo. Andy, Halleigh... ou melhor, Sra. Bellefleur! Se vierem para aqui, vamos tirar as fotografias.

Portia Bellefleur Vick pareceu um pouco espantada ao ver que o seu grupo não seria o primeiro, mas tinha de cumprimentar demasiadas pessoas para se poder irritar. Enquanto Maria-Star registava a cena comovente, um parente distante empurrou a cadeira de rodas da velha dona Caroline até Portia e Portia curvou-se para beijar a avó. Portia e Andy tinham vivido com ela durante anos, depois da morte dos pais. A saúde frágil da senhora Caroline atrasara pelo menos duas vezes os casamentos. A data original fora na Primavera e planearam tudo à pressa porque a velha senhora parecia cada vez mais débil. Sofreu um ataque cardíaco e acabou por recuperar. Depois disso, fracturou a anca. Para alguém que sobrevivera a duas calamidades médicas, a senhora Caroline parecia... Bom, para dizer a verdade, parecia uma mulher muito idosa que sofrera um ataque cardíaco e fracturara a anca. Vestia um fato de seda bege. Tinha mesmo alguma maquilhagem e o cabelo branco como neve estava penteado num estilo que fazia lembrar Lauren Bacall. Fora uma beldade na sua juventude, uma autocrata durante toda a vida e uma cozinheira afamada até um passado recente.

Caroline Bellefleur não podia estar mais feliz naquela noite. Casara os dois netos, os convidados prestavam-lhe tributos abundantes e Belle Rive parecia espectacular, graças ao vampiro que a fitava com uma expressão completamente neutra.

Bill Compton descobrira ser antepassado dos Bellefleur e, sob anonimato, doara a Caroline uma enorme quantidade de dinheiro. Gostava tanto de o gastar e não fazia a mínima ideia de que tinha vindo de um vampiro. Acreditava que tinha sido herança de um parente distante. Achei irónico que os Bellefleur fossem mais capazes de cuspir em Bill do que de lhe agradecer. Mas fazia parte da família e congratulava-me por ter conseguido ser convidado.

Inspirei fundo, bani o olhar sombrio de Bill da minha consciência e sorri para a câmara. Ocupei o meu espaço designado nas fotografias para conferir equilíbrio à comitiva, esquivei-me ao primo de olhos esbugalhados e, finalmente, apressei-me pelas escadas acima para vestir a roupa de empregada de bar.

Não havia ninguém no piso superior e era um alívio ter o quarto só para mim.

Tirei o vestido, pendurei-o e sentei-me num banco para abrir as correias dos sapatos dolorosos.

Ouviu-se um pequeno ruído junto à porta e ergui o olhar, sobressaltada. Bill estava parado junto à porta, do lado de dentro, com as mãos nos bolsos e a pele vagamente brilhante. Tinha os caninos alongados.

— Estou a tentar mudar de roupa — disse, com azedume. Não valia a pena preocupar-me com pudores. Vira cada centímetro do meu corpo.

— Não lhes contaste — disse.

— Hã? — Percebi, logo a seguir. Bill dizia que não contara aos Bellefleur que era seu antepassado. — Não, claro que não — retorqui. — Pediste-me para não o fazer.

— Pensei que, na tua ira, pudesses ter partilhado com eles essa informação.

Olhei-o, incrédula.

— Não. Alguns de nós são pessoas honradas — disse. Afastou o olhar por um minuto. — A propósito, a tua cara sarou muito bem.

Durante o atentado da Irmandade do Sol em Rhodes, a cara de Bill fora exposta ao astro-rei com resultados capazes de dar a volta ao estômago.

— Dormi durante seis dias — explicou. — Quando acordei finalmente, estava quase completamente recuperado. Quanto ao teu comentário sobre a minha falta de honra, não tenho qualquer defesa... excepto dizer que, quando Sophie-Anne me ordenou que te conquistasse... senti relutância, Sookie. A princípio, nem sequer queria fingir ter uma relação permanente com uma humana. Achava a possibilidade degradante. Só fui ao bar para te identificar quando deixei de poder adiá-lo. E essa noite não correu como planeei. Saí com os drenadores e as coisas aconteceram. Quando foste tu a vir em meu auxílio, percebi que era o destino. Fiz o que me fora ordenado pela minha rainha. E, ao fazê-lo, caí numa armadilha da qual não consegui escapar. Ainda não consigo.

«A armadilha do AMOOOOOOOR», pensei, com o sarcasmo à flor da pele. Mas ele estava demasiado sério, demasiado calmo para ridicularizar. Limitar-me-ia a defender o coração com a melhor arma ao meu dispor: ser uma cabra.

— Tens uma namorada — disse. — Volta para a Selah. — Baixei o olhar para assegurar que tinha aberto a correia do segundo sapato. Descalcei-o. Quando voltei a olhar para cima, os olhos escuros de Bill estavam fixados em mim.

— Daria qualquer coisa para voltar a deitar-me contigo — disse. Fiquei paralisada, enquanto baixava a meia da perna esquerda.

Sim, aquilo conseguiu atordoar-me a vários níveis. Em primeiro lugar, pela referência a «deitar-se com», que parecia tirada da Bíblia. Depois, vinha o meu espanto por me considerar uma companheira de cama tão memorável.

Talvez só recordasse as virgens.

— Não quero brincar contigo esta noite e o Sam espera-me lá em baixo para o ajudar no bar — disse, sem rodeios. — Vai à tua vida. — Pus-me de pé e voltei-lhe as costas enquanto vestia as calças e a camisa, enfiando-a dentro das calças. A seguir, vinham os ténis pretos. Depois de me olhar ao espelho para garantir que restava ainda algum batom, virei-me para a porta.

Desaparecera.

Desci a escadaria larga e saí para o jardim, aliviada por ocupar um lugar mais familiar atrás do bar. Os pés ainda me doíam. Tal como a parte magoada do meu coração com o nome de Bill Compton escrito.

Sam olhou-me sorrindo enquanto ocupava o meu posto. A senhora Caroline vetara o nosso pedido para colocar um jarro de gorjetas, mas os clientes do bar tinham já enfiado algumas notas num copo alto vazio e pretendia deixá-lo onde estava.

— Estavas muito bonita com aquele vestido — disse Sam, enquanto misturava uma *cuba libre*. Entreguei uma cerveja e sorri ao cavalheiro idoso que viera buscá-la. Deu-me uma gorjeta enorme e olhei para baixo, percebendo que, na minha pressa para descer, me escapara um botão. Mostrava um pouco mais de peito do que pretendia. Senti um embaraço momentâneo, mas não era um botão a menos de gal-déria. Era apenas um botão a menos de «ei, tenho mamas». Por isso, deixei-o estar.

— Obrigada — disse, esperando que Sam não tivesse notado aquela rápida avaliação. — Espero ter feito tudo bem.

— Claro que fizeste — considerou Sam, como se a possibilidade do meu falhanço naquele novo papel nunca lhe tivesse passado pela cabeça. Era isso que o fazia o melhor patrão que alguma vez tive.

— Boa noite — disse uma voz ligeiramente nasalada. Levantei o

olhar do vinho que servia e percebi que Tanya Grissom ocupava espaço e respirava ar que poderiam ser mais proveitosos para outra pessoa qualquer. Do seu par, Calvin, não havia sinais.

— Olá, Tanya — disse Sam. — Como estás? Já lá vão uns tempos.

— Tive de resolver uns assuntos no Mississípi — explicou Tanya. — Mas voltei para fazer uma visita e pensei se precisarias de uma empregada em part-time, Sam.

Fechei a boca e mantive as mãos ocupadas. Tanya aproximou-se de Sam, quando uma senhora mais velha me pediu água tônica e uma rodela de limão. Passei-lhe o que pediu tão rapidamente que pareceu espantada e, a seguir, ocupei-me do cliente seguinte de Sam. Conseguia ouvir no cérebro do meu patrão que lhe agradava ver Tanya. Os homens conseguem ser uns idiotas chapados, não conseguem? Para ser justa, era verdade que sabia algumas coisas a respeito dela que Sam não sabia.

Selah Pumphrey era a próxima na fila e odiei a minha sorte. No entanto, a namorada de Bill limitou-se a pedir uma *cuba libre*.

— Claro — disse, tentando não parecer aliviada e começando a misturar a bebida.

— Ouvi-o — disse Selah, baixando muito a voz.

— Ouviste quem? — perguntei, distraída pelo meu esforço para ouvir o que Tanya e Sam diziam (com os ouvidos ou com o cérebro).

— Ouvi o Bill quando falou contigo antes. — Percebendo que não dizia nada, continuou. — Subi as escadas à socapa atrás dele.

— Então ele sabe que lá estiveste — disse-lhe, sem pensar muito e passando-lhe a bebida. Os seus olhos faiscaram durante um segundo... alarme ou receio? Afastou-se. Se alguém lhe concedesse o seu desejo, eu cairia redonda ali mesmo.

Tanya começou a voltar-se como se o seu corpo pensasse em partir, mas a cabeça continuava a falar com o meu patrão. Por fim, todo o corpo regressou para junto do seu par. Segui-a com os olhos, com pensamentos sombrios.

— São boas notícias — disse Sam, sorrindo. — A Tanya está disponível durante uns tempos.

Contive o impulso de lhe contar que Tanya deixara bastante clara a sua disponibilidade.

— Sim, óptimo — disse. Havia tanta gente de quem gostava. Porque teriam de estar no casamento duas das mulheres de quem não gostava nada? Pelo menos, os meus pés quase gemiam de prazer por ter descalçado os sapatos de salto demasiado apertados.

Sorri e misturei bebidas, fazendo desaparecer garrafas vazias e indo à carrinha de Sam para abastecer. Abri cervejas, servi vinho e limpei bebidas entornadas até me sentir como uma máquina de movimento perpétuo.

Os vampiros vieram ao bar em simultâneo. Puxei a rolha a uma garrafa de *Royalty Blended*, uma bebida de elite que misturava sangue sintético com sangue verdadeiro de realeza europeia genuína. Precisava de ser refrigerado, claro, e destinava-se a agradar aos clientes de Glen, conforme instruções do próprio. (A única bebida para vampiros que superava o *Royalty Blended* no preço era o *Royalty* quase puro, contendo apenas vestígios de conservantes.) Sam alinhou os copos de vinho. A seguir, disse-me que servisse. Tive cuidados especiais para não entornar uma gota. Sam passou cada copo ao seu destinatário. Os vampiros, incluindo Bill, deixaram gorjetas generosas, com grandes sorrisos na cara enquanto erguiam os copos num brinde aos recém-casados.

Depois de um gole do líquido escuro contido nos copos, os caninos alongaram-se como prova do seu agrado. Alguns convidados humanos pareceram um pouco desconfortáveis por esta manifestação de apreço, mas Glen prontificou-se a sorrir e a acenar. Sabia o suficiente sobre vampiros para não os cumprimentar com apertos de mão. Notei que a Sra. Vick não convivia com os convidados não-mortos, apesar de olhar durante um momento o grupo com um sorriso forçado na cara.

Quando um dos vampiros voltou para pedir um copo de *True-Blood* comum, passei-lhe a bebida aquecida.

— Obrigado — disse, voltando a deixar gorjeta. Enquanto manteve a carteira aberta, consegui ver uma carta de condução do Nevada. Conheço muitas cartas diferentes, por pedir identificação a miúdos no bar. Viera de longe para aquele casamento. Olhei-o com atenção pela primeira vez. Quando percebeu que o olhava, uniu as mãos e saudou-me com uma vénia ligeira. Porque lia um policial passado na Tailândia, sabia que aquilo era um *wai*, um cumprimento cortês praticado pelos budistas... ou talvez apenas pelos tailandeses. De qualquer forma, significava que tentara ser delicado. Após uma breve hesitação, pousei o pano que segurava e repeti o seu gesto. O vampiro pareceu agradado.

— Escolhi chamar-me Jonathan. — disse. — Os americanos não conseguem pronunciar o meu nome verdadeiro.

Poderia haver uma pontada de arrogância e desprezo ali, mas não podia censurá-lo.

— Eu sou a Sookie Stackhouse — disse.

Jonathan era um homem não muito alto, talvez com um metro e setenta e seis, com pele cor de cobre claro e o cabelo preto comum no seu país de origem. Era muito bonito. O nariz era pequeno e largo, os lábios carnudos. Os olhos castanhos cobriam-se com sobrancelhas negras absolutamente direitas. A pele era tão perfeita que não se conseguia detectar a presença de poros. Tinha o mesmo brilho ligeiro comum a todos os vampiros.

— Este é o teu marido? — perguntou, erguendo o copo de sangue e inclinando a cabeça para Sam. Sam estava ocupado a misturar uma *piña colada* para uma das damas de honor.

— Não. É o meu patrão.

Nesse momento, Terry Bellefleur, primo em segundo grau de Portia e Andy, aproximou-se para pedir mais uma cerveja. Gostava muito de Terry, mas era muito desagradável quando ficava bêbado e achei que caminhava a passos largos para esse estado. Apesar de o veterano do Vietname querer ficar e discutir a política do presidente para a guerra actual, acompanhei-o até outro familiar, um primo distante de Baton Rouge, e garanti que o homem vigiaria Terry e impediria que partisse na carrinha.

O vampiro Jonathan vigiava-me enquanto o fazia e não percebi porquê. Mas não notei sinais de agressividade ou luxúria na sua postura ou comportamento e os caninos estavam recolhidos. Parecia seguro ignorá-lo e continuar o trabalho. Se houvesse algum motivo para Jonathan querer falar comigo, descobriria mais cedo ou mais tarde. Mais tarde seria preferível.

Enquanto ia buscar uma caixa de *Coca-Cola* à carrinha de Sam, avistei um homem de pé, sozinho, encoberto pela sombra do grande carvalho no lado ocidental do jardim. Era alto, magro e impecavelmente vestido com um fato cujo preço alto era óbvio. O homem avançou um pouco e consegui ver-lhe a cara, percebendo que retribuía o meu olhar. A minha primeira impressão foi de que era uma criatura encantadora, mas não um homem. Fosse o que fosse, não era humano. Apesar de se notar que tinha alguma idade, era incrivelmente bonito e o seu cabelo, mantendo um louro pálido, era tão longo como o meu. Usava-o preso atrás, com aprumo. Parecia um pouco mirrado, como uma maçã deliciosa que tivesse passado tempo demais no frigorífico, mas as costas eram perfeitamente direitas e não usava óculos. Trazia uma bengala, negra e simples com castão de ouro.

Quando saiu da sombra, todos os vampiros se voltaram para olhar. Após um momento, inclinaram ligeiramente as cabeças. O desconhecido também os saudou. Mantiveram a distância, como se fosse perigoso ou demasiado assombroso para suscitar aproximações.

O episódio era muito estranho, mas não tinha tempo para pensar no assunto. Todos queriam uma última bebida gratuita. A festa ia esparecendo e as pessoas dirigiam-se para a frente da casa para se despedirem dos casais felizes. Halleigh e Portia foram ao andar de cima para vestirem os seus trajes de partida. O pessoal da *EE(E)* mantivera-se atento na remoção de copos vazios e dos pequenos pratos de bolo e aperitivos. O jardim ficara relativamente aprumado.

Agora que não estávamos ocupados, Sam deu a entender que alguma coisa o preocupava.

— Sookie, estou enganado ou não gostas da Tanya?

— Tenho motivo para não gostar dela — disse. — Mas não sei se devo partilhá-lo contigo. Parece-me óbvio que gostas dela. — Era quase como se tivesse passado a noite a provar uísque. Ou o soro da verdade.

— Se não gostas de trabalhar com ela, gostava de saber o motivo — disse. — És minha amiga. Respeito a tua opinião.

Era muito agradável ouvir aquilo.

— A Tanya é bonita — disse. — É simpática e capaz. — Eram os pontos positivos.

— E?

— E veio para cá como espia — disse. — Os Pelt enviaram-na, para tentar descobrir se estive envolvida no desaparecimento da sua filha Debbie. Lembras-te de terem vindo ao bar?

— Sim — respondeu Sam. Com as luzes penduradas por todo o jardim, pareceu, ao mesmo tempo, brilhantemente iluminado e profundamente sombrio. — E tiveste alguma coisa a ver com o desaparecimento dela?

— Tive tudo a ver com o desaparecimento dela — admiti, tristemente. — Mas foi em legítima defesa.

— Sei que sim. — Quando me pegou na mão, a surpresa fez-me estremecer. — Conheço-te — disse. E não me largou.

A fé de Sam animou-me. Trabalhava para ele há tanto tempo e a sua opinião era muito importante para mim. Senti que a voz me sairia embargada e tive de pigarrear.

— É por isso que não me agradou ver Tanya — continuei. — Não

confiei nela desde o primeiro momento e, quando descobri porque tinha vindo a Bon Temps, deixei de o esconder. Não sei se os Pelt ainda lhe pagam. Além disso, veio com o Calvin, esta noite, e não devia rondar-te. — O meu tom foi muito mais irritado do que pretendia.

— Ah. — Sam pareceu desconcertado.

— Mas, se quiseres sair com ela, força — disse-lhe, tentando aligeirar o ambiente. — Quer dizer... há-de ter lados positivos. E talvez achasse que fazia o que devia ao vir recolher informações sobre um metamorfo desaparecido. — Aquilo soava bastante razoável e talvez até fosse verdade. — Não tenho de gostar das pessoas com quem te envolves — acrescentei, para deixar claro que sabia não ter qualquer direito sobre ele.

— Sim, mas sinto-me melhor se gostares — disse.

— Idem — concordei, surpreendendo-me.



2

Começámos a arrumar da forma mais discreta possível, porque ainda havia convidados presentes.

— Já que falamos em sair com pessoas, que aconteceu ao Quinn? — perguntou, enquanto trabalhávamos. — Tens andado tristonha desde que voltaste de Rhodes.

— Conte-te que ficou ferido com gravidade no atentado. — A divisão de Quinn da *EE(E)* organizava eventos especiais para a comunidade sobrenatural: casamentos hierárquicos entre vampiros, ritos de passagem lobisomens, provas para eleição de líderes de alcateia e coisas parecidas. Fora por isso que Quinn estivera no *Pyramid of Gizeh* quando a Irmandade fez das suas.

As pessoas da Irmandade do Sol eram contra os vampiros, mas não faziam ideia de que os vampiros eram apenas o vértice visível e público do icebergue do mundo sobrenatural. Ninguém o sabia. Com a exceção de algumas pessoas, como eu, apesar de o grande segredo ser conhecido por cada vez mais gente. Era inevitável que os fanáticos da Irmandade odiassem os lobisomens ou os metamorfos como Sam tanto como odiavam os vampiros... se soubessem da sua existência. E poderiam vir a saber, em breve.

— Sim, mas parece-me que...

— Eu sei. Também me parecia que tudo estava encaminhado entre mim e o Quinn — disse, com voz angustiada. Pensar no meu tigre

desaparecido fazia-me sentir assim. — Achei que desse notícias. Mas nem uma palavra.

— Ainda tens o carro da irmã? — Frannie Quinn emprestara-me o carro para poder voltar para casa depois da catástrofe de Rhodes.

— Não. Desapareceu numa noite em que eu e a Amelia trabalhávamos. Liguei-lhe e deixei mensagem para dizer que tinha sido roubado, mas ele nunca disse nada.

— Lamento, Sookie — disse Sam. Sabia que era escusado, mas que podia ele dizer?

— Sim. Eu também — retorqui, tentando não parecer demasiado deprimida. Tinha de fazer um grande esforço para me impedir de regressar a pensamentos muitas vezes repetidos. Sabia que Quinn não me culparia pelos seus ferimentos. Visitara-o no hospital, em Rhodes, antes de partir, com a irmã a cuidar dele. Fran parecia já não me odiar. Sem responsabilização, sem ódio... então porquê a falta de comunicação?

Era como se o chão se tivesse aberto para o engolir. Ergui as mãos e tentei pensar noutra coisa qualquer. Manter-me ocupada era o melhor remédio contra preocupações. Começámos a levar algum do equipamento para a carrinha de Sam, estacionada a um quarteirão de distância. Foi ele a levar as coisas mais pesadas. Sam não é grande, mas é muito forte, como todos os metamorfos.

Às dez e meia, estávamos quase prontos. Pelos gritos de júbilo à frente da casa, percebi que as noivas tinham descido a escadaria com as suas roupas de lua-de-mel, lançando os ramos e partindo. Portia e Glen iam para São Francisco e Halleigh e Andy para uma estância na Jamaica. Não conseguira evitar sabê-lo.

Sam disse-me que podia ir.

— Vou pedir ao Dawson para me ajudar a descarregar no bar — disse. — Porque Dawson, que substituíra Sam no *Merlotte's Bar* durante aquela noite, tinha a compleição de um penedo, concordei que era um bom plano.

Depois de dividirmos as gorjetas, fiquei com cerca de trezentos dólares. Fora uma noite lucrativa. Guardei o dinheiro num bolso das calças. Era um grande rolo de notas por serem quase só notas de um dólar. Congratulei-me por estar em Bon Temps e não numa cidade grande ou preocupar-me-ia com a possibilidade de alguém me atingir com uma pancada na cabeça antes de chegar ao carro.

— Boa noite, Sam — disse, procurando as chaves do carro no bol-

so. Não me dei ao trabalho de trazer a bolsa. Enquanto descia o pátio traseiro desnivelado até ao passeio, toquei o cabelo, com pesar. Conseguiu impedir a senhora da bata rosa de o prender no alto da cabeça e deixara-o volumoso e encaracolado, um pouco ao jeito de Farrah Fawcett. Senti-me ridícula.

Havia carros a passar. A maioria pertencia a convidados de partida. Graças a eles, o trânsito era movimentado naquela noite de sábado. A fila de veículos estacionada junto ao passeio alongava-se até grande distância, pela rua fora, e os carros moviam-se lentamente. Estacionara ilegalmente, com o lado do condutor encostado à berma. Normalmente, não daria problemas numa cidade pequena como a nossa.

Dobrei-me para destrancar a porta e ouvi um ruído atrás de mim. Sem parar para pensar, agarrei as chaves com firmeza, cerrei um punho, voltei-me e bati com toda a força. As chaves aumentaram muito o peso do punho e o homem atrás de mim cambaleou e aterrou de rabo no relvado.

— Não te quero fazer mal — disse Jonathan.

Não era fácil parecer digno e não ameaçador quando se tem sangue a escorrer por um canto da boca e se está sentado no chão, mas o vampiro asiático conseguiu fazê-lo.

— Assustaste-me — disse. Era um grande eufemismo.

— Acredito — disse, erguendo-se com facilidade. Puxou por um lenço e limpou a boca.

Não pretendia desculpar-me. Pessoas que se esgueiram pelas costas quando estou sozinha, à noite, merecem o que lhes calhar em sorte. Mas pensei melhor. Os vampiros movem-se de forma silenciosa.

— Perdoa-me por ter pensado o pior — disse. Era uma espécie de compromisso. — Devia ter visto quem era.

— Não. Seria demasiado tarde — considerou Jonathan. — Uma mulher sozinha deve defender-se.

— Obrigada pela compreensão — disse-lhe, com cautela. Olhei para trás dele, tentando manter uma expressão neutra. Porque ouço tantas coisas surpreendentes nos cérebros das pessoas, estou habituada a fazê-lo. Olhei directamente para Jonathan.

— Tu... Porque estavas aqui?

— Estou de passagem pelo Louisiana e vim ao casamento como convidado de Hamilton Tharp — disse. — Estou alojado na Área Cinco, com autorização de Eric Northman.

Não fazia ideia de quem seria Hamilton Tharp. Presumivelmente,

algum amigo dos Bellefleur. Mas conhecia Eric Northman muito bem. (Aliás, certa vez, conheci-o da cabeça aos pés, incluindo todos os pontos intermédios.) Eric era o xerife da Área cinco, um grande naco do Norte do Louisiana. Estávamos unidos de uma forma complexa e, na maior parte dos dias, odiava que assim fosse.

— Na verdade, o que queria saber era... porque te aproximaste de mim agora? — Esperei, mantendo as chaves fechadas na mão. Decidi-me pelos olhos. Até os vampiros eram vulneráveis aí.

— Estava curioso — disse Jonathan, por fim. Tinha as mãos unidas à frente do corpo. Começava a não gostar nada do vampiro.

— Porquê?

— Ouvi qualquer coisa no *Fangtasia* sobre a loura que Eric valoriza tanto. Eric é tão altivo que não me pareceu que alguma humana conseguisse interessá-lo.

— E como sabias que estaria aqui, esta noite, no casamento?

Vi-lhe a hesitação no olhar. Não esperara que insistisse no interrogatório. Esperou conseguir acalmar-me. Talvez, naquele momento, tentasse coagir-me com a sua influência. Mas não funcionava comigo.

— A jovem que trabalha para Eric. Pam, a vampira que criou, falou no assunto — explicou.

Grande mentiroso, pensei. Não falava com Pam há um par de semanas e a nossa última conversa não fora uma troca amistosa entre raparigas sobre os meus compromissos sociais e profissionais. Recupera-va dos ferimentos sofridos em Rhodes. A sua recuperação, a recuperação de Eric e da rainha foram os únicos tópicos em discussão.

— Claro — disse. — Então boa noite. Preciso de ir. — Destranquei a porta e enfiei-me cuidadosamente no interior, tentando manter os olhos em Jonathan para estar preparada para algum movimento repentino. Manteve-se imóvel como uma estátua, inclinando-me a cabeça depois de ligar o motor e partir. Apertei o cinto no primeiro sinal de stop. Não quis prender-me ao carro enquanto estava tão perto. Tranquei as portas e olhei em redor. Não havia vampiros à vista. Achei tudo muito, muito estranho. Aliás, pensei que deveria ligar a Eric e contar-lhe o incidente.

Sabem qual foi a parte mais estranha? O homem mirrado com o cabelo louro comprido mantivera-se nas sombras atrás do vampiro durante todo o tempo. Chegámos mesmo a trocar um olhar. A sua face atraente não ostentara qualquer expressão descortinável. Mas percebi

que não queria que revelasse a sua presença. Não lhe lera os pensamentos. Não fui capaz. Mas, mesmo assim, soube-o.

Consegui ser ainda mais estranho que Jonathan não soubesse que ele estava ali. Com o olfacto apurado de todos os vampiros, a falha era simplesmente extraordinária.

Continuava a pensar no episódio estranho quando saí da Hummingbird Road e percorri o longo caminho pela floresta até à minha velha casa. O núcleo do edifício fora construído mais de cento e sessenta anos antes, mas, obviamente, restava muito pouco da estrutura original. Houvera frequentes acréscimos, remodelações e substituições de telhado ao longo das décadas. Inicialmente uma casa de quinta com duas divisões, tornara-se muito maior. Mas mantinha-se uma casa perfeitamente comum.

Naquela noite, tudo parecia tranquilo, iluminado pelos projectores exteriores de segurança que Amelia Broadway, a minha companheira de casa, deixara ligados para mim. O seu carro estava estacionado nas traseiras e parei o meu ao lado. Deixara a porta de rede com o fecho aberto e corri-o depois de entrar. Destranquei a porta dos fundos e tornei a trancá-la depois de entrar. Levávamos muito a sério a segurança, Amelia e eu, sobretudo à noite.

Surpreendendo-me um pouco, Amelia estava sentada à mesa da cozinha, à minha espera. Acabámos por desenvolver uma rotina após semanas de vida em conjunto e, normalmente, Amelia teria já recolhido ao seu quarto àquela hora. Tinha uma televisão, o telemóvel e um computador portátil lá em cima e arranjara um cartão da biblioteca, o que significava que teria muito que ler. Além disso, tinha o seu trabalho de feitiçaria, acerca do qual não lhe fazia perguntas. Nunca. Amelia era uma bruxa.

— Como correu? — perguntou, mexendo o chá como se quisesse criar um pequeno redemoinho.

— Bom, estão casados. Ninguém se pirou. Os clientes vampiros do Glen comportaram-se bem e a senhora Caroline foi cortês para toda a gente. Mas tive de substituir uma das damas de honor.

— Uau! Conta-me.

E assim fiz, provocando algumas gargalhadas partilhadas. Pensei em falar a Amelia do homem belíssimo, mas não o fiz. Que poderia dizer? «Olhou para mim»? Falei-lhe de Jonathan do Nevada.

— Que achas que queria? — perguntou.

— Não faço ideia — respondi, encolhendo os ombros.

— Tens de descobrir. Sobretudo porque nunca ouviste falar do tipo de que disse ser convidado.

— Vou ligar ao Eric. Se não o fizer ainda hoje, ligo-lhe amanhã à noite.

— É pena que não tenhas comprado uma cópia daquela base de dados que o Bill anda a vender. Vi-a anunciada na internet ontem, num site de vampiros. — Podia ser uma mudança repentina de assunto, mas a base de dados de Bill continha fotografias e/ou biografias de todos os vampiros que conseguiu localizar em todo o mundo e alguns de que apenas ouvira falar. O CD singelo de Bill fazia mais dinheiro para a sua patroa, a rainha, do que alguma vez poderia ter imaginado. Mas era preciso ser-se vampiro para comprar uma cópia e tinham formas de verificar.

— Tendo em conta que o Bill cobra quinhentos dólares por cada cópia e sabendo que imitar um vampiro é arriscado... — comecei.

Amelia acenou-me com a mão.

— Valeria a pena — disse.

Amelia era muito mais sofisticada do que eu... pelo menos, de algumas formas. Cresceu em Nova Orleães e aí passou a maior parte da sua vida. Agora, vivia comigo porque cometeu um enorme erro. Precisou de deixar Nova Orleães depois de a sua inexperiência ter provocado uma catástrofe mágica. Foi uma sorte ter partido quando o fez porque o Katrina ocorreu pouco depois. Desde o furacão, o seu inquilino vivia no apartamento por cima da casa de Amelia. O seu apartamento no rés-do-chão sofrera alguns danos. Não cobrava renda ao inquilino porque ele se ocupava de acompanhar as reparações.

E ali vinha o motivo que impedia Amelia de regressar tão cedo a Nova Orleães. Bob entrou na cozinha para dizer olá, esfregando-se afectuosamente contra as minhas pernas.

— Olá, fofinho — disse, pegando no gato de pêlo longo branco e preto. — Como está o meu querido? Adoro-o!

— Vou vomitar — disse Amelia. Mas sabia que falava de forma igualmente agonizante com Bob quando eu não estava por perto.

— Houve progressos? — perguntei, erguendo a cabeça do pêlo de Bob. Tomara banho naquela tarde. Percebi-o pela macieza.

— Não — respondeu, num tom seco e desiludido. — Trabalhei nele durante uma hora hoje e só consegui dar-lhe uma cauda de lagarto. Precisei de tudo o que tinha para o deixar como estava.

Bob era na realidade um homem. Um tipo com um aspecto pou-

co interessante, apesar de Amelia me ter confidenciado que possuía atributos notáveis que não se notavam quando estava vestido. A bruxa não estava autorizada a praticar magia transformacional quando transformou Bob num gato. Envolviam-se no que devia ter sido sexo muito aventureiro. Nunca tive coragem de lhe perguntar o que tentava fazer. Era claro que seria algo muito exótico.

— O que se passa é isto — disse Amelia, subitamente, colocando-me em alerta. O verdadeiro motivo para ter ficado acordada à minha espera estava prestes a ser revelado. Amelia era uma transmissora muito clara e captei-o directamente no seu cérebro. Mas permiti que o dissesse porque as pessoas não gostam nada quando lhes dizemos que não precisam de falar, sobretudo quando pensaram muito no assunto. — O meu pai vai estar em Shreveport amanhã e quer vir visitar-me a Bon Temps — disse, apressando as palavras. — Ele e o motorista, o Marley. Quer vir jantar.

O dia seguinte seria domingo. O *Merlotte's* só abriria de tarde, mas, de qualquer forma, olhei o calendário e percebi que não trabalhava nesse dia.

— Então vou dar uma volta — disse. — Posso ir visitar o JB e a Tara. Não há problema.

— Fica comigo, por favor — pediu. A súplica derrubou todas as máscaras. Não explicou porquê. Mas consegui ler que o motivo era simples. Amelia tinha uma relação muito conflituosa com o pai. Aliás, adoptara o apelido da sua mãe, Broadway, em parte porque todos conheciam o seu pai. Copley Carmichael tinha muita influência política e era rico, mesmo não sabendo de que forma o Katrina lhe tinha afectado os rendimentos. Carmichael era proprietário de serrações enormes e também investia na construção. O Katrina poderia ter destruído os seus negócios. Por outro lado, toda a área precisava de madeira e de reconstrução.

— A que horas vem? — perguntei.

— Às cinco.

— O motorista come à mesma mesa? — Nunca tinha lidado com subalternos. Só tínhamos a mesa da cozinha. Não pediria ao homem para se sentar no alpendre.

— Santo Deus — exclamou. Era óbvio que nunca lhe tinha ocorrido. — Que fazemos com o Marley?

— Era isso que perguntava. — Talvez tivesse parecido um pouco impaciente.

— Ouve — disse Amelia. — Não conheces o meu pai. Não sabes como ele é.

Sabia pelos pensamentos de Amelia que os seus sentimentos pelo pai eram muito confusos. Era muito difícil passar o amor, o medo e a ansiedade até chegar aos seus sentimentos genuínos e fundamentais. Conhecia poucas pessoas ricas e ainda menos pessoas ricas com motoristas a tempo inteiro.

A visita seria interessante.

Disse boa-noite a Amelia e fui para a cama. Mesmo que houvesse muita coisa em que pensar, o cansaço dominava-me o corpo e não demorei a adormecer.

O domingo revelou-se outro dia magnífico. Pensei nos recém-casados, lançados com segurança nas suas novas vidas e pensei também na velha senhora Caroline, que desfrutava da presença em sua casa de alguns primos (mais novos, rondando os sessenta), cumprindo o papel de a vigiar e de lhe fazer companhia. Quando Portia e Glen regressassem, os primos voltariam para a sua casa mais humilde, provavelmente com algum alívio. Halleigh e Andy mudar-se-iam para uma pequena casa própria.

Pensei em Jonathan e no belo homem mirrado.

Lembrei-me de ligar a Eric na noite seguinte, quando os vampiros despertassem.

Pensei nas palavras inesperadas de Bill.

Pela milionésima vez, especulei acerca do silêncio de Quinn.

Mas, antes de conseguir ficar demasiado deprimida, fui apanhada pelo furacão Amelia.

Fui aprendendo a gostar, ou mesmo a gostar muito, de muitas facetas de Amelia. É directa, entusiástica e talentosa. Sabe tudo sobre o mundo sobrenatural e sobre a posição que nele ocupo. Acha o meu «talento» bizarro fascinante. Posso falar com ela sobre qualquer coisa. Sei que nunca reagirá com censura ou horror. Por outro lado, é impulsiva e teimosa, mas as pessoas são como são. Gostava muito de a ter a viver comigo.

Vendo as coisas pelo lado mais prático, é uma cozinheira decente, tem o cuidado de manter as nossas coisas separadas e não há dúvida de que é arrumada. O que Amelia faz melhor é limpar. Limpa quando está aborrecida, limpa quando está nervosa e limpa quando se sente culpada. Não sou nenhuma desmazelada na lida da casa, mas Amelia é uma campeã mundial. No dia em que escapou por pouco de ficar maltrata-

da num acidente de viação, limpou-me a mobília da sala, incluindo os estofos. Quando o inquilino lhe ligou a dizer que o telhado tinha de ser substituído, foi à *EZ Rent* e trouxe para casa uma máquina para polir os pisos de madeira nos dois andares da casa.

Acordei às nove e Amelia estava já embrenhada num frenesim de limpezas devido à visita do pai. Quando saí para a igreja, por volta das dez e quarenta e cinco, estava de joelhos na casa de banho do corredor, que admito ter um aspecto muito antiquado com os seus minúsculos azulejos octogonais pretos e brancos e a enorme banheira assente sobre pequenos pés. Mas (graças ao meu irmão Jason) tinha uma sanita mais moderna. Era a casa de banho que Amelia usava, já que não havia uma no andar de cima. Eu tinha uma casa de banho pequena e privativa no meu quarto, acrescentada na década de cinquenta. Na minha casa, é possível ver várias tendências decorativas das últimas décadas condensadas no mesmo edifício.

— Achas mesmo que estava assim tão suja? — perguntei, atravessando-me na porta. Falava para o traseiro de Amelia.

Ergueu a cabeça e passou uma mão coberta com uma luva de borracha pela testa para afastar o cabelo curto.

— Não estava mal. Mas quero que esteja perfeita.

— É uma casa velha, Amelia. Acho que não pode ficar perfeita. — Era absurdo desculpar-me pela idade e pelo estado da casa e do recheio. Era o melhor que podia conseguir e ficava muito satisfeita.

— É uma casa encantadora, Sookie — disse Amelia, com determinação feroz. — Mas tenho de me manter ocupada.

— Está bem — respondi. — Bom, vou à igreja. Volto ao meio-dia e meia.

— Podes passar pelo supermercado depois da igreja? A lista está na bancada.

Concordei, grata por ter qualquer coisa para fazer que me mantivesse mais tempo fora de casa.

A manhã parecia mais de Março (de Março no Sul, claro) do que de Outubro. Quando saí do carro na igreja metodista, ergui a cara para sentir a brisa ligeira. Havia um toque de inverno no ar, era quase possível saboreá-lo. As janelas da igreja modesta estavam abertas. Quando cantámos, as nossas vozes combinadas sobrevoaram a relva e as árvores. Observei algumas folhas a serem sopradas pelo vento enquanto o pastor pregava.

Para ser sincera, nem sempre ouço o sermão. Por vezes, a hora que passo na igreja é apenas tempo para pensar e ponderar o rumo da

minha vida. Mas, pelo menos, esses pensamentos enquadram-se num contexto. E quando se observam folhas a cair das árvores, o contexto torna-se muito limitado.

Naquele dia, ouvi. O reverendo Collins falou sobre dar a Deus as coisas que Lhe são devidas, dando a César as coisas que lhe pertencem. Parecia-me mais um sermão típico de Abril e dei comigo a pensar se o reverendo Collins pagaria os seus impostos em prestações trimestrais. Após algum tempo, calculei que falasse das leis que violamos constantemente sem sentirmos culpa, como desrespeitar limites de velocidade ou enfiar uma carta num presente enviado pelo correio, sem pagar os selos devidos.

Sorri ao reverendo Collins quando me dirigia para a saída. Parecia sempre um pouco perturbado quando me via.

Cumprimentei Maxine Fortenberry e Ed, o seu marido, quando cheguei ao parque de estacionamento. A corpulência de Maxine era impressionante e Ed era tão tímido e silencioso que quase se tornava invisível. O seu filho, Hoyt, era o melhor amigo do meu irmão Jason. Hoyt mantinha-se de pé atrás da mãe. Vestia um fato agradável e o cabelo tinha sido cortado. Indícios sugestivos.

— Querida, dá-me um abraço! — disse Maxine. E obedeci, claro. Maxine fora uma boa amiga da minha avó, apesar de a sua idade se aproximar mais da que teria o meu pai, se fosse vivo. Sorri a Ed e acenei a Hoyt.

— Estás com bom aspecto — disse-lhe, fazendo-o sorrir. Não me pareceu que alguma vez tivesse visto Hoyt sorrir assim e olhei Maxine. Também sorria.

— O Hoyt tem saído com aquela Holly do teu trabalho — explicou Maxine. — Tem um filho e isso é um pormenor a pensar, mas ele sempre gostou de crianças.

— Não sabia — disse. Tinha andado distraída. — Que maravilha, Hoyt. A Holly é uma rapariga encantadora.

Não percebi se poria as coisas naqueles termos se tivesse tido tempo para pensar e talvez fosse positivo não o ter. Havia alguns aspectos muitos positivos em Holly (era dedicada ao seu filho, Cody, leal para com os amigos, uma trabalhadora competente). Divorciara-se vários anos antes, o que significava que o envolvimento com Hoyt não seria apenas para esquecer o desgosto. Pensei se lhe teria contado que era uma wiccan. Não. Não tinha. Ou Maxine não sorriria tanto.

— Vamos almoçar com ela ao *Sizzler* — disse, referindo-se à

churrasqueira junto à interestadual. — A Holly não é muito de ir à igreja, mas estamos a tentar convencê-la a vir connosco e a trazer o Cody. É melhor irmos andando ou chegamos atrasados.

— Muito bem, Hoyt — disse, tocando-lhe o braço quando passou por mim. Olhou-me, parecendo agradado.

Todos se casavam ou apaixonavam. Ficava feliz por eles. Feliz, feliz, feliz. Colei um sorriso na cara e fui ao *Piggly Wiggly*. Tirei a lista de Amelia da bolsa. Era bastante longa, mas tive a certeza de que haveria coisas a acrescentar. Liguei-lhe do telemóvel e já tinha pensado em mais três itens para acrescentar. Acabei por passar algum tempo no supermercado.

Vinha carregada com sacos de plástico enquanto subia com dificuldade os degraus do alpendre traseiro. Amelia correu para o carro para trazer o resto dos sacos.

— Onde estiveste? — perguntou, como se me tivesse esperado à porta, batendo com o pé.

Olhei para o relógio.

— Saí da igreja e fui ao supermercado — disse, defensivamente. — É só uma hora.

Amelia voltou a passar por mim, carregada. Abanou a cabeça, exasperada, produzindo um ruído que era qualquer coisa como «urrrrrgh».

O resto da tarde foi assim, como se Amelia se preparasse para um encontro que lhe mudaria a vida.

Não sou má cozinheira, mas Amelia só me permitiu que me ocupasse das tarefas mais insignificantes na preparação do jantar. Pude picar cebola e tomate. Ah. E deixou-me lavar a louça que usou para cozinhar. Pensava muitas vezes se ela conseguiria lavar a louça como as fadas madrinhas na *Bela Adormecida*, mas respondia com um ronco de desprezo quando lho dizia.

A casa estava impecável e, apesar de tentar não me importar, notei que Amelia também limpou o chão do meu quarto. Como regra, não invadíamos o espaço uma da outra.

— Desculpa ter entrado no teu quarto — disse-me, subitamente, sobressaltando-me... a mim, a telepata. Amelia batera-me no meu jogo. — Foi um daqueles impulsos tresloucados que tenho. Estava a aspirar e achei que também podia ocupar-me do teu chão. Antes de ter tempo para pensar nisso, já estava feito. Pus-te os chinelos debaixo da cama.

— Está bem — disse, tentando manter a voz e a expressão neutras.

— Ei, já pedi desculpa.

Acenei afirmativamente e continuei a secar os pratos, antes de os guardar. A ementa, como Amelia decidira, seria salada de verduras com tomate e cenoura às tiras, lasanha, pão de alho quente e legumes cozidos ao vapor. Não percebo nada de cozeduras ao vapor, mas preparei toda a matéria-prima: as curgetes, os pimentos, os cogumelos, a couve-flor. Mais tarde, considerou-me capaz de preparar a salada e pude pôr a toalha e o pequeno ramo de flores sobre a mesa, antes de dispor os pratos e os talheres. Para quatro pessoas.

Ofereci-me para ir com o Sr. Marley para a sala, onde poderíamos comer em tabuleiros sobre as pernas, mas Amelia mostrou-se tão horrorizada que foi como se me tivesse oferecido para lhe lavar os pés.

— Não. Ficas comigo — disse.

— Precisas de falar com o teu pai — lembrei. — Tenho de acabar por sair, mais cedo ou mais tarde.

Inspirou fundo. Expirou.

— Está bem. Sou uma adulta — murmurou.

— Medricas — disse-lhe.

— Não o conheces.

Às quatro e quinze, Amelia subiu as escadas a correr para se preparar. Fiquei sentada na sala, lendo um livro da biblioteca, quando ouvi um carro sobre a gravilha do caminho. Olhei o relógio sobre a lareira. Eram quatro e quarenta e oito. Gritei pela escada acima e fui espreitar à janela. A tarde caminhava para o fim, mas, porque a hora ainda não tinha mudado, havia ainda luz suficiente para iluminar o *Lincoln* luxuoso estacionado à frente da casa. Um homem de cabelo escuro bem aparado, vestindo um bom fato, saiu pela porta do condutor. Devia ser Marley. Não usava boné de motorista, algo que me desapontou um pouco. Abriu uma das portas traseiras. Copley Carmichael saiu.

O pai de Amelia não era muito alto e tinha cabelo grisalho curto e ainda abundante, denso, suave e penteado com mestria. Era muito bronzeado e as sobrancelhas eram escuras. Não tinha óculos. Nem lábios. Bom, tinha lábios, mas eram muito finos e a sua boca era uma linha rígida.

O Sr. Carmichael olhou em redor como se fizesse uma avaliação imobiliária.

Ouvi Amelia descer as escadas atrás de mim enquanto observava o homem no meu pátio a completar a avaliação. Marley, o motorista, olhava a casa. Vira a minha cara na janela.

— O Marley é mais ou menos novo — disse Amelia. — Só está com o meu pai há dois anos.

— O teu pai sempre teve motorista?

— Sim. O Marley também é o guarda-costas — explicou Amelia, casualmente, como se toda a gente tivesse um guarda-costas.

Subiu pelo caminho de gravilha, sem sequer reparar nas moitas aprumadas de azevinho que o delineavam. Pelos degraus de madeira acima. Atravessando o alpendre da frente. Batendo à porta.

Pensei em todas as criaturas assustadoras que tinham estado na minha casa: lobisomens, vampiros e até um demónio ou dois. Porque deveria preocupar-me com aquele homem? Endireitei as costas, tranquilizei o cérebro ansioso e dirigi-me à porta, apesar de Amelia quase o ter feito antes de mim. Afinal, a casa era minha.

Pus a mão sobre a maçaneta e preparei o sorriso antes de abrir.

— Entrem, por favor — disse. Marley abriu a porta de rede para o Sr. Carmichael, que entrou e abraçou a filha, mas não antes de lançar outro olhar implacável em redor.

Era um transmissor tão bom como a filha.

Achava que aquilo parecia pobre para uma filha sua... Amelia vivia com uma rapariga bonita... Dormiriam juntas?... A rapariga não seria nada de muito recomendável... Apesar de não ter cadastro, tinha namorado com um vampiro e tinha um irmão doidivanas...

Claro que um homem rico e poderoso como Copley Carmichael mandaria investigar a nova companheira de casa da filha. Apenas nunca me ocorrera antes, como nunca me ocorreriam muitas das coisas que os ricos faziam.

Inspirei fundo.

— Sookie Stackhouse — disse-lhe, educadamente. — Deve ser o Sr. Carmichael. E este é? — Depois de lhe apertar a mão, estendi a minha a Marley.

Por um segundo, pensei que teria surpreendido o pai de Amelia, mas recuperou em tempo recorde.

— Tyrese Marley — disse, sem hesitar.

O motorista apertou-me a mão com delicadeza, como se não me quisesse partir os ossos. A seguir, olhou Amelia.

— Menina Amelia — disse. Amelia pareceu irritada, como se lhe quisesse dizer que devia esquecer o «menina». Mas acabou por reconsiderar. Todos aqueles pensamentos, para trás e para diante... Eram suficientes para me manter distraída.

Tyrese Marley era um negro de pele muito clara, quase como marfim envelhecido. Os olhos eram cor de avelã e vivos. Apesar de o cabelo ser negro, não era encrespado e tinha laivos arruivados. Era um homem que mereceria sempre um segundo olhar.

— Vou levar o carro de volta à cidade para abastecer — disse ao patrão. — Enquanto fica com a menina Amelia. A que horas quer que volte?

O Sr. Carmichael olhou o relógio.

— Dentro de umas duas horas.

— Pode ficar para jantar — disse, conseguindo fazê-lo num tom muito neutro. Queria que todos se sentissem confortáveis.

— Tenho de tratar de alguns assuntos — explicou Tyrese Marley, com uma voz inexpressiva. — Obrigado pelo convite. Vemo-nos mais tarde. — E partiu.

Muito bem. Lá se ia a minha tentativa de promover a igualdade entre patrões e assalariados.

Tyrese não poderia saber quanto preferiria ir à cidade em vez de ficar em casa. Preparei-me para as exigências sociais.

— Posso trazer-lhe um copo de vinho, Sr. Carmichael? Ou outra coisa para beber? E a ti, Amelia?

— Chame-me Cope — disse, sorrindo. O sorriso assemelhava-se demasiado ao esgar assassino de um tubarão para me conseguir animar. — Claro. Um copo do que estiver aberto. E tu, querida?

— Pode ser branco — disse. Ouvi-a pedir ao pai que se sentasse enquanto eu ia à cozinha.

Servi o vinho e acrescentei-o ao tabuleiro com os nossos aperitivos: tostas, queijo *Brie* derretido e compota de alperce misturada com malaguetas. Tínhamos umas facas pequenas e adoráveis que ficavam bem sobre o tabuleiro e Amelia arranjara pequenos guardanapos para as bebidas.

Cope tinha bom apetite e gostou do *Brie*. Provou o vinho, que era de uma marca do Arkansas, e acenou afirmativamente, por gentileza. Pelo menos, não o cuspiu. Raramente bebo e não sou conhecedora de vinho. Mas gostei de cada gole daquele.

— Amelia, conta-me como passas o tempo enquanto esperas que termine a reparação da tua casa — pediu Cope. Pareceu-me uma forma razoável de começar.

Quase lhe disse que uma coisa que não fazia era dormir comigo, mas achei que talvez fosse demasiado directo. Esforcei-me muito para

não ler os seus pensamentos, mas juro que, com ele e a filha no mesmo espaço, era como se ouvisse uma emissão televisiva.

— Tenho feito secretariado para um dos agentes de seguros locais. E trabalho em part-time no *Merlotte's Bar* — explicou Amelia. — Sirvo bebidas e, de vez em quando, pratos de frango.

— O trabalho no bar é interessante? — Um ponto a favor de Cope era que não pareceu sarcástico. Mas, obviamente, de certeza que também tinha investigado Sam.

— Não é mau — respondeu ela, com um sorriso ligeiro. Aquilo exigia grande contenção a Amelia e entrei-lhe na cabeça para ver que se constrangia com um colete de forças mental. — As gorjetas são boas.

O pai concordou com um aceno.

— E a menina Stackhouse? — perguntou Cope, com delicadeza.

Sabia tudo a meu respeito menos a cor do verniz que usava nas unhas e estava certa de que acrescentaria essa informação à minha ficha, se pudesse.

— Trabalho a tempo inteiro no *Merlotte's* — disse-lhe, como se ele não soubesse. — Há anos.

— Tem família por perto?

— Sim. Moramos aqui desde sempre — expliquei. — Ou desde o máximo que os americanos se podem aproximar de «sempre». Mas os nossos números foram-se reduzindo. Só restamos dois, eu e o meu irmão.

— Irmão mais velho ou mais novo?

— Mais velho — respondi. — Casou há muito pouco tempo.

— Então talvez haja pequenos Stackhouse em breve — disse, tentando dar a entender que aquilo lhe parecia uma coisa positiva.

Acenei com a cabeça como se a possibilidade também me agradasse. Não gostava muito da mulher do meu irmão e achei perfeitamente possível que quaisquer crianças que tivessem juntos se revelassem bastante desagradáveis. Aliás, vinha um a caminho, se Crystal não voltasse a abortar. O meu irmão transformava-se em pantera (foi mordido, não nasceu assim) e a sua mulher também, mas era uma metamorfa pura. Ser criada na pequena comunidade de panteras metamorfadas de Hotshot não era fácil e seria ainda mais difícil para crianças que não fossem puras.

— Pai, posso trazer-te mais vinho? — Amelia levantou-se como um tiro e dirigiu-se prontamente à cozinha com o copo de vinho meio vazio. Excelente. Tempo de qualidade a sós com o pai de Amelia.

— Sookie — começou Cope —, foi muito simpática por deixar a minha filha viver consigo durante todo este tempo.

— A Amelia paga renda — disse. — Pagamos as contas de supermercado a meias. Não me dá qualquer prejuízo.

— Mesmo assim, gostava que me permitisse oferecer-lhe algo que a compense pelo incómodo.

— O que a Amelia paga de renda é suficiente. Além disso, também pagou alguns melhoramentos na casa.

A sua expressão tornou-se mais intensa nesse momento, como se farejasse qualquer coisa grande. Acharia que tinha convencido Amelia a construir uma piscina no pátio das traseiras?

— Instalou um aparelho de ar condicionado no quarto dela no piso de cima — disse. — E uma linha telefónica adicional para o computador. E acho que também comprou uma tapete e cortinas para o quarto.

— Vive lá em cima?

— Sim — respondi, surpreendida por ainda não o saber. Talvez houvesse alguns pormenores que tinham escapado à sua rede de informações. — Eu vivo aqui em baixo e ela lá em cima. Partilhamos a cozinha e a sala, apesar de a Amelia também ter televisão no quarto. Amelia! — chamei.

— Sim? — A sua voz ouviu-se pelo corredor, vinda da cozinha.

— Ainda tens aquela televisão lá em cima?

— Sim. Liguei-a ao cabo.

— Só para saber.

Sorri a Cope, indicando que o próximo passo da conversa lhe cabia. Pensava em várias coisas que poderia perguntar-me e também na melhor forma de me abordar para conseguir a maior quantidade possível de informação. Um nome destacou-se entre o turbilhão dos seus pensamentos e precisei de todas as minhas forças para manter uma cara cordial.

— A primeira inquilina da Amelia na Chloe... era sua prima, não? — perguntou Cope.

— A Hadley. Sim. — Mantive a expressão calma enquanto acenava afirmativamente. — Conheceu-a?

— Conheço o marido — respondeu, sorrindo.



3

Percebi que Amelia tinha regressado e estava junto à poltrona onde o seu pai estava sentado e percebi que estava paralisada. Percebi que, por um momento, não respirei.

— Nunca o conheci — disse. Senti-me como se tivesse caminhado através da selva, caindo num fosso camuflado. Senti-me grata por ser a única telepata naquela casa. Não contara a ninguém, a ninguém mesmo, o que encontrei no cofre da Hadley quando o fui esvaziar, naquele dia, a um banco em Nova Orleães. — Estavam divorciados há algum tempo quando a Hadley morreu.

— Deveria reservar tempo para o conhecer, um dia. É um homem interessante — disse Cope, como se não percebesse que largava uma bomba. Claro que esperava a minha reacção. Esperara que não soubesse nada acerca do casamento, conseguindo surpreender-me por completo. — É um carpinteiro exímio. Gostava de conseguir localizá-lo e voltar a contratar os seus préstimos.

A poltrona em que se sentava estava revestida com pano de cor creme bordado com inúmeras florzinhas azuis na extremidade de caules verdes arqueados. Mesmo com as cores algo esbatidas, continuava a ser bonito. Concentrei-me no padrão da poltrona para não permitir que Copley Carmichael percebesse como me sentia furiosa.

— Não significa nada para mim, por mais interessante que seja — disse, num tom seco como um deserto. — O casamento chegou ao fim.

Como certamente saberá, a Hadley estava envolvida com outra pessoa quando morreu. — Foi assassinada. Mas as autoridades não prestavam grande atenção às mortes de vampiros a não ser quando essas mortes eram provocadas por humanos. Os vampiros ocupavam-se de se policiarem a si próprios.

— Penso que gostaria, pelo menos, de ver o bebé — disse Copley. Felizmente, captei-lhe aquilo na cabeça um ou dois segundos antes de as palavras serem pronunciadas. Mesmo sabendo o que se preparava para dizer, senti aquele comentário casual atingir-me como um murro no estômago. Mas não lhe queria dar a satisfação de permitir que o percebesse.

— A minha prima Hadley era doida. Usava drogas e usava pessoas. Não era a pessoa mais estável do mundo. Era muito bonita e tinha encanto. Por isso, sempre teve admiradores. — Pronto. Referira todos os prós e contras da minha prima. E não dissera a palavra «bebé». Qual bebé?

— Como reagiria a sua família se acabasse transformada em vampira? — perguntou Cope.

A transformação de Hadley era pública. Os vampiros transformados deviam registar-se quando se iniciava o seu novo estado de existência. Tinham de indicar o nome do seu criador. Era uma espécie de controlo de natalidade governamental dos vampiros. O Departamento de Assuntos Vampiros cairia sobre um vampiro que fizesse demasiados vampirinhos. Hadley fora transformada pela própria Sophie-Anne Leclerq.

Amelia pousou o copo de vinho do pai ao seu alcance e regressou ao seu lugar a meu lado.

— Pai, a Hadley viveu na casa por cima da minha durante dois anos — disse. — Era impossível não saber que era uma vampira. Pelo amor de Deus, pensei que me quisesses contar as notícias da terra.

Pobre Amelia. Eu mantinha o controlo com dificuldade e só os anos passados a fazer isso mesmo sempre que ouvia telepaticamente alguma coisa horrível me mantinham composta.

— Preciso de ver como está o jantar. Com licença — murmurei, levantando-me e saindo da sala. Esperei não ter andado depressa demais. Tentei caminhar normalmente. Mas, quando cheguei à cozinha, saí pela porta das traseiras e atravessei o alpendre, abrindo a porta de rede e saindo para o pátio.

Se esperasse ouvir a voz fantasmagórica de Hadley dizendo-me o

que fazer, ficaria desiludida. Os vampiros não deixam fantasmas para trás, tanto quanto sei. Alguns vampiros acreditam que não possuem alma. Não sei. Isso cabe a Deus. E ali estava eu, ocupada com pensamentos frenéticos e absurdos por não querer pensar no bebé de Hadley e no facto de nem sequer saber que existia.

Talvez fosse assim que Copley funcionava. Talvez quisesse sempre demonstrar a extensão dos seus conhecimentos como forma de mostrar o seu poder às pessoas com quem lidava.

Teria de regressar por Amelia. Preparei-me, resgatei o sorriso (apesar de saber que seria um sorriso perturbador e nervoso) e voltei a entrar. Sentei-me ao lado de Amelia e sorri aos dois. Olharam-me, expectantes, e percebi que tinha ocorrido uma pausa na conversa.

— Ah — disse Cope, subitamente. — Amelia, esqueci-me de te dizer. Alguém ligou para casa a perguntar por ti na semana passada. Não a conheço.

— Como se chamava?

— Deixa-me pensar... A Sra. Beech anotou o nome. Ophelia? Octavia? Octavia Frant. Era isso. Invulgar.

Amelia pareceu prestes a desmaiar. Ficou de uma cor estranha e agarrou com força o braço do sofá.

— Tens a certeza? — perguntou.

— Tenho. Dei-lhe o número do teu telemóvel e disse-lhe que estavas a viver em Bon Temps.

— Obrigada, pai — disse Amelia, com voz insegura. — Aposto que o jantar está pronto. Vou ver.

— A Sookie não o fez agora mesmo? — Ostentava o sorriso amplo e tolerante a que um homem recorre quando acha que as mulheres estão a ser tontas.

— Sim, mas a última fase de preparação exige atenção redobrada — disse eu, enquanto Amelia saía da sala tão rapidamente como eu o fizera. — Seria uma pena se se queimasse. A Amelia esforçou-se tanto.

— Conhece esta Sra. Fant? — perguntou Cope.

— Não. Não conheço.

— A Amelia pareceu quase assustada. Ninguém persegue a minha filha, pois não?

Tornou-se um homem diferente quando disse aquilo, um homem de quem quase poderia gostar. Não importavam as suas restantes facetas. Cope não queria que ninguém magoasse a sua filha. Ninguém além de si próprio, claro.

— Não me parece. — Sabia quem era Octavia Fant porque o cérebro de Amelia acabara de mo comunicar, mas ela não o referira em voz alta e não poderia partilhar a informação com mais ninguém. Por vezes, as coisas que ouço em voz alta e as coisas que ouço na cabeça misturam-se e confundem-se. É um dos motivos para a minha reputação de ser quase louca. — É construtor, Sr. Carmichael?

— Cope, por favor. Sim. Entre outras coisas.

— Suponho que o negócio vá de vento em popa agora — disse.

— Se a minha empresa tivesse o dobro do tamanho, nem assim conseguiria ocupar-se de tudo o que precisa de ser feito — explicou. — Mas foi horrível ver Nova Orleães destruída.

Estranhamente, acreditei nele.

O jantar decorreu com tranquilidade suficiente. Se o pai de Amelia se sentia desconcertado por comer na cozinha, não deu sinais disso. Porque era construtor, notou que a cozinha era mais nova que o resto da casa e tive de lhe falar do incêndio, mas esse tipo de coisa poderia acontecer a qualquer um, não? Não referi a parte do incendiário.

Cope pareceu gostar da comida e elogiou Amelia, que ficou muito agradada. Bebeu mais um copo de vinho com a refeição, mas parou por aí e comeu também com moderação. Falou com Amelia acerca de amigos da família e de alguns parentes, permitindo-me tempo para pensar. Acreditem que precisava.

A certidão de casamento de Hadley e o documento que formalizava o divórcio estavam no seu cofre no banco, quando fui abri-lo depois da sua morte. O cofre continha ainda alguns pertences pessoais: fotografias, o obituário da mãe e várias peças de joalharia. Havia também uma madeixa de cabelo fino, escuro e sedoso, preso com um pedaço de fita adesiva. Fora colocada dentro de um pequeno envelope. Intrigou-me perceber como o cabelo era fino. Mas não havia qualquer certidão de nascimento ou qualquer outro indício de que Hadley tivera um bebé.

Até ali, não tivera nenhum motivo definido para contactar o ex-marido de Hadley. Nem sequer sabia que existia até abrir o cofre. Não era mencionado no seu testamento. Nunca me fora apresentado. Não aparecera durante a minha estadia em Nova Orleães.

Porque não referira o filho no testamento? Certamente, que qualquer mãe o faria. E, apesar de ter nomeado o Sr. Cataliades e eu própria como executores testamentários conjuntos, também não partilhou com nenhum de nós (não o partilhou comigo, pelo menos) que tinha abdicado dos seus direitos sobre a criança.

— Sookie, podes passar a manteiga? — perguntou Amelia. Percebi pelo seu tom que não era a primeira vez que me dirigia a palavra.

— Claro — respondi. — Posso trazer-vos mais água ou outro copo de vinho?

Ambos recusaram.

Depois do jantar, ofereci-me para lavar os pratos. Amelia aceitou a oferta após uma breve pausa. Ela e o pai precisavam de tempo a sós, mesmo que a perspectiva não lhe agradasse.

Lavei, limpei e arrumei a louça em relativa paz. Esfreguei a bancada e tirei a toalha da mesa, colocando-a na máquina de lavar no alpendre coberto. Fui para o meu quarto para ler durante algum tempo, apesar de não conseguir interiorizar grande coisa do que acontecia nas páginas. Por fim, pousei o livro e retirei uma caixa da gaveta da roupa interior. Continha tudo o que retirara do cofre de Hadley. Li o nome na certidão de casamento. Por impulso, liguei para as informações.

— Preciso da morada de Remy Savoy — disse.

— Em que cidade?

— Nova Orleães.

— Esse número foi desactivado.

— Tente Metairie.

— A mesma coisa, minha senhora.

— Está bem. Obrigada.

Claro. Muita gente se tinha mudado desde o Katrina e grande parte dessas mudanças era permanente. Gente que tinha fugido do furacão não tinha motivos para regressar, em muitos casos. Não tinham sítio onde viver nem emprego, num número infelizmente grande de casos.

Pensei em como poderia procurar o ex-marido de Hadley.

Uma solução muito pouco agradável saltou-me à ideia. Bill Compton era um génio informático. Talvez pudesse pesquisar Remy Savoy e descobrir onde estava e se tinha a criança com ele.

Fiz rolar mentalmente a ideia como se tivesse a boca cheia de um vinho duvidoso. Levando em conta o nosso diálogo na noite anterior, no casamento, não conseguia imaginar-me a procurar Bill para pedir um favor, apesar de ser o homem certo para a tarefa.

Um surto de saudades de Quinn quase me abateu. Quinn era um homem inteligente e viajado. E, certamente, teria um bom conselho para me dar. Se o voltasse a ver.

Recompus-me. Ouvi um carro parar diante da casa. Tyrese Mar-

ley regressava para vir buscar Cope. Endireitei as costas e saí do quarto, fixando com firmeza o sorriso na cara.

A porta da frente estava aberta e via Tyrese atravessado nela, quase conseguindo bloquear o espaço por completo. Era um homem grande. Cope debruçava-se para beijar a filha na bochecha, gesto que ela aceitou sem esboçar qualquer sorriso. O gato Bob entrou pela porta e sentou-se a seu lado. Olhava fixamente o pai de Amelia.

— Tens um gato? Pensei que os odiasses.

Bob virou o olhar para Amelia. Nada consegue superar a intensidade de um olhar fixo de gato.

— Pai! Isso foi há muitos anos! Este é o Bob. É fantástico. — Amelia pegou no gato preto e branco e apertou-o contra o peito. Bob pareceu envaidecer-se e começou a ronronar.

— Hmm. Muito bem. Hei-de ligar-te. Toma cuidado, por favor. Não me agrada pensar que estás aqui, na outra ponta do estado.

— São só algumas horas de viagem — disse Amelia, parecendo voltar a ter dezassete anos.

— É verdade — concordou o pai, tentando alcançar uma postura contrariada mas encantadora. Falhou por alguns metros. — Sookie, obrigado pelo serão — disse, sobre o ombro da filha.

Marley fora ao *Merlotte's* para ver se conseguia recolher informação a meu respeito. Ouvi-o claramente no seu cérebro. Conseguira pormenores soltos. Falara com Arlene, o que era mau, com o nosso cozinheiro actual e com o rapaz que ajudava, o que era bom. Além de ter falado também com vários clientes. Teria um relatório muito diversificado a transmitir.

Assim que o carro partiu, Amelia deixou-se cair sobre o sofá, aliviada.

— Finalmente — disse. — Percebes agora o que dizia?

— Sim — disse. Sentei-me a seu lado. — Gosta de ter tudo controlado, não é?

— E sempre foi assim — referiu. — Tenta manter um relacionamento, mas as nossas ideias não são compatíveis.

— O teu pai adora-te.

— É verdade. Mas também adora o poder e o controlo.

Era um eufemismo.

— E não sabe que tens um tipo de poder próprio.

— Não. Não acredita em nada disso — disse Amelia. — Dir-te-á que é um católico devoto, mas não é verdade.

— De certa forma, ainda bem que assim é — considere. — Se acreditasse nos teus poderes de bruxa, tentaria obrigar-te a fazer coisas para ele. E tu não querias fazer algumas delas, aposto. — Podia ter mordido a língua, mas Amelia não se melindrou.

— Tens razão — disse. — Não me agradaria ajudá-lo a atingir os seus objectivos. É capaz de o fazer sozinho, sem a minha ajuda. Ficava feliz se me deixasse em paz. Está sempre a tentar melhorar a minha vida, à sua maneira. Mas eu não me tenho saído mal.

— Quem ligou à tua procura em Nova Orleães? — Apesar de saber, tinha de fingir. — Como era o nome? Fant?

Amelia estremeceu.

— Octavia Fant. É a minha mentora — explicou. — Foi ela o motivo da minha saída de Nova Orleães. Achei que o círculo me faria alguma coisa horrível quando descobrisse o que aconteceu ao Bob. É ela a líder do meu círculo. Ou do que resta dele. Se restar alguma coisa.

— Ups.

— Pois. Agora vou ter de aguentar o castigo.

— Achas que virá aqui?

— Só me surpreende que ainda não tenha vindo.

Apesar do medo assumido, Amelia preocupava-se de morte com o bem-estar da sua mentora depois do Katrina. Fizera um esforço enorme para localizar a mulher, apesar de não querer que Octavia a encontrasse a ela.

Amelia receava ser descoberta, sobretudo enquanto Bob mantivesse a sua forma felina. Contou-me que a sua experiência com magia transformacional seria considerada ainda mais censurável por ser apenas uma estagiária, ou alguma coisa equivalente... pouco mais do que uma noviça, fosse como fosse. Amelia não discutia a hierarquia das bruxas.

— Não te ocorreu pedir ao teu pai para não revelar onde estavas?

— Pedir-lhe isso deixá-lo-ia tão curioso que me teria destroçado a vida para descobrir porque o pedira. Não acreditei que Octavia o contactasse, por saber como me sinto a seu respeito.

E sentia-se, no mínimo, dividida.

— Esqueci-me de te dizer uma coisa — disse Amelia, abruptamente. — Falando em telefonemas, o Eric ligou-te.

— Quando?

— Na noite passada. Antes de chegares a casa. Tinhas tantas novidades quando chegaste que me esqueci de te contar. Além disso, dis-

seste que lhe ligavas. E eu estava muito preocupada com a vinda do meu pai. Desculpa, Sookie. Prometo que tomo nota quando voltar a acontecer.

Não era a primeira vez que Amelia se esquecia de me dizer que alguém ligara. Não me agradou, mas eram águas passadas e o nosso dia fora suficientemente tenso. Esperei que Eric tivesse informações sobre o dinheiro que a rainha me devia pelos serviços que lhe prestei em Rhodes. Ainda não recebera um cheque e odiava ter de a incomodar, já que estava ferida com tanta gravidade. Fui para o quarto e liguei para o *Fangtasia*, que devia estar na hora de maior movimento. O bar abria todas as noites menos à segunda.

— *Fangtasia*, o bar que morde — disse Clancy.

Ótimo. O vampiro de que menos gostava. Expressei-me com palavras escolhidas a dedo.

— Clancy, fala a Sookie. O Eric pediu-me para ligar.

Houve um momento de silêncio. Apostaria que Clancy tentava perceber se poderia bloquear o meu acesso a Eric. Decidiu que não. — Um momento — disse. Uma breve pausa enquanto ouvia «*Strangers in the Night*». A seguir, Eric pegou no auscultador.

— Sim? — disse.

— Desculpa não ter ligado antes. Só soube agora. Sabes alguma coisa do meu dinheiro?

Um momento de silêncio.

— Não. O assunto era outro. Queres sair comigo amanhã à noite?

Fiquei a olhar para o telefone. Não consegui um pensamento coerente. Por fim, disse:

— Eric, estou com o Quinn.

— E há quanto tempo não o vês?

— Desde Rhodes.

— Há quanto tempo não recibes notícias dele?

— Desde Rhodes. — O meu tom não podia ser mais seco. Não queria falar com Eric sobre aquilo, mas tínhamos partilhado sangue vezes suficientes para ficarmos unidos por um elo muito mais forte do que me agradava. Aliás, odiava a ligação que existia e que fôramos obrigados a forjar. Mas, quando ouvia a sua voz, sentia-me bem. Quando estava com ele, sentia-me bonita e feliz. E não podia fazer nada para o evitar.

— Acho que me podes dar uma noite — disse Eric. — Não me parece que Quinn tenha direito a exclusividade.

— Isso foi cruel.

— É Quinn quem é cruel. Prometeu-te que estaria contigo e falta ao prometido. — Havia um eco sinistro na voz de Eric, uma pontada de raiva.

— Sabes o que lhe aconteceu? — perguntei. — Sabes onde está? Um silêncio significativo.

— Não — respondeu, muito delicadamente. — Não sei. Mas há alguém na cidade que te quer conhecer. Prometi que trataria de tudo. Gostava de te levar pessoalmente a Shreveport.

Então não era um encontro a sério.

— Falas do Jonathan? Veio ao casamento e apresentou-se. Tenho de admitir que não fiquei a simpatizar muito com o tipo. Sem ofensa, se for teu amigo.

— Jonathan? Qual Jonathan?

— Falo do tipo asiático. Possivelmente tailandês? Esteve no casamento dos Bellefleur na noite passada. Disse que queria ver-me porque estava em Shreveport e ouvira falar muito de mim. Disse que tinha pedido a tua autorização, como um bom vampiro visitante.

— Não o conheço — disse Eric. O tom de voz tornou-se muito mais tenso. — Vou perguntar por aqui para saber se alguém o viu. E vou sondar a rainha acerca do teu dinheiro, apesar de ela... não estar em si. Podes fazer o que te peço, por favor?

Fiz uma careta ao telefone.

— Se tem mesmo de ser — disse. — Com quem me vou encontrar? E onde?

— Terei de ocultar o «quem» — explicou Eric. — Quanto ao «onde», vamos jantar a um bom restaurante. Do tipo que exige roupa formal.

— Tu não comes. O que vais fazer?

— Apresento-vos e fico enquanto precisares de mim. Um restaurante cheio de gente não devia ser problemático.

— Está bem — concordei, sem grande vontade. — Saio do trabalho entre as seis e as seis e meia.

— Estarei aí às sete.

— Dá-me até às sete e meia. Preciso de mudar de roupa. — Soube que parecia contrariada e era precisamente o que sentia. Odiava o mistério que rodeava aquele encontro.

— Vais sentir-te melhor quando me vires — disse ele. Bolas. Estava absolutamente certo.





4

Olhei o calendário de Palavras do Dia enquanto esperava que o ferro de frisar aquecesse. «Epiceno». Hã?

Porque não sabia a que restaurante iríamos e porque não sabia com quem nos encontraríamos, tomei a opção mais confortável, usando uma blusa sem mangas azul-celeste, que Amelia dissera ser-lhe grande demais, umas calças pretas e uns sapatos pretos de saltos altos. Não uso muitas jóias. Uma corrente de ouro e uns brincos de ouro pequenos serviriam para me enfeitar. Tivera um dia duro no trabalho, mas sentia-me demasiado curiosa acerca daquela noite para me sentir cansada.

Eric chegou a horas e surpreendi-me com o agrado que senti quando o vi. Não acredito que tivesse sido apenas pelo elo de sangue entre nós. Penso que qualquer mulher heterossexual sentiria agrado ao ver Eric. Era alto e deveria parecer um gigante na sua época. O seu corpo tinha a constituição adequada para manusear uma espada pesada e ceifar inimigos. O cabelo louro dourado lançava-se da testa poderosa como uma juba de leão. Não havia nele nada de epiceno, tal como também não havia nada de beleza etérea. Era puramente masculino.

Curvou-se para me beijar na face. Senti-me quente e segura. Era aquele o efeito que Eric provocava em mim depois de termos trocado sangue mais de três vezes. A partilha de sangue não ocorrera por prazer, mas por necessidade (pelo menos, fora isso que pensara), de

cada vez. No entanto, o preço a pagar era elevado. Ficámos unidos e, quando ele estava por perto, sentia-me absurdamente feliz. Tentei apreciar a sensação, mas saber que não era completamente natural tornava-o difícil.

Porque Eric trouxera o *Corvette*, fiquei especialmente feliz por ter vestido calças. Entrar e sair de um *Corvette* sem escândalo era difícil para quem estivesse de vestido. Fiz conversa de circunstância no caminho para Shreveport, mas Eric estava invulgarmente calado. Tentei questioná-lo acerca de Jonathan, o vampiro misterioso no casamento, mas disse-me apenas:

— Discutiremos esse assunto mais tarde. Voltaste a encontrá-lo?

— Não — respondi. — Devo esperar que aconteça?

Eric abanou a cabeça. Houve uma pausa desconfortável. Pela forma como segurava o volante, percebi que se preparava para dizer algo que não queria dizer.

— Para teu bem, agrada-me dizer que tudo indica que o Andre não tenha sobrevivido ao atentado — confessou.

O filho dilecto da rainha, Andre, morrera na explosão em Rhodes. Mas não fora a bomba a matá-lo. Quinn e eu sabíamos o que o tinha feito: uma grande farpa de madeira que Quinn lhe cravara no coração enquanto o vampiro permanecia imobilizado. Quinn matara-o por mim, por saber que o vampiro tinha planos para mim que me deixavam agoniada de medo.

— De certeza que a rainha sentirá a sua falta — disse, com cautela.

Eric lançou-me um olhar significativo.

— A rainha está perturbada — disse. — E a sua recuperação levará meses. O que queria dizer... — Calou-se.

Não era típico dele.

— O que era? — perguntei.

— Salvaste-me a vida — disse. Voltei-me para o olhar, mas ele não tirava os olhos da estrada. — Salvaste-me a vida a mim e à Pam.

Movi-me no banco, desconfortável.

— Pois. — Tão eloquente. O silêncio alongou-se até sentir que tinha de dizer mais qualquer coisa. — Há o elo de sangue.

Eric não respondeu durante bastante tempo.

— Não foi por isso que vieste acordar-me em primeiro lugar no dia em que o hotel foi pelos ares — disse. — Mas não falaremos mais disto por agora. Espera-te uma grande noite.

«Sim, patrão», retorqui, maldosa, mas só dentro da minha cabeça.

...

Estávamos numa parte de Shreveport que não conhecia bem. Ficava decididamente fora da zona comercial, que me era relativamente familiar. Passávamos por um bairro onde as casas eram grandes e os jardins estavam bem cuidados. As lojas eram pequenas e caras... Eram o tipo de coisa a que os comerciantes chamam «butiques». Parámos junto a um aglomerado dessas lojas. Estavam dispostas em L e o restaurante ficava ao fundo. Chamava-se *Les Deux Poissons*. Haveria uns oito carros ali estacionados e cada um deles custara mais do que o meu salário de um ano. Olhei a roupa que escolhera, sentindo-me, subitamente, inquieta.

— Não te preocupes. Estás linda — disse Eric, em voz baixa. Inclinou-se para me desprender o cinto de segurança (para meu espanto) e, quando se endireitava, voltou a beijar-me, mas na boca. Os olhos azuis-claros flamejavam-lhe na face pálida. Parecia alguém que teria uma história inteira na ponta da língua. Mas voltou a engoli-la e saiu do carro, contornando-o e abrindo-me a porta. Talvez não fosse eu a única afectada por aquele elo de sangue.

Pela forma como se mostrava tenso, percebi que se aproximava um acontecimento importante e comecei a recear. Eric pegou-me na mão enquanto caminhávamos para o restaurante e foi-me acariciando a palma da mão com o polegar, parecendo nem pensar no que fazia. Surpreendeu-me descobrir que havia uma linha directa da palma da mão à minha... à minha... àquela parte de mim.

Entrámos numa antecâmara, onde havia uma pequena fonte e um biombo que impedia que se vissem os clientes no interior. A mulher de pé junto ao estrado era negra e linda, com o cabelo muito curto, quase rapado. Usava um vestido de pregas laranja e castanho, com os saltos mais altos que alguma vez vi. Era quase como se calçasse sapatilhas de pontas. Observei-a com atenção e captei o seu padrão mental, percebendo que era humana. Esboçou um sorriso resplandecente a Eric e lembrou-se a tempo de o partilhar comigo.

— Mesa para dois? — perguntou.

— Somos esperados — disse Eric.

— Ah. O cavalheiro...

— Sim.

— Por aqui, por favor. — Com o sorriso substituído por um olhar quase de inveja, voltou-se e caminhou graciosamente para as profundezas do restaurante. Eric indicou-me com um gesto que devia segui-la. O interior era bastante escuro e havia velas acesas sobre as mesas, co-

bertas com panos brancos como a neve e guardanapos dobrados de maneira rebuscada.

Os meus olhos mantinham-se fixos nas costas da recepcionista e, quando ela parou, não percebi de imediato que tínhamos chegado à nossa mesa. Deu um passo ao lado. Sentado de frente para mim, ali estava o homem deslumbrante que vira no casamento, duas noites antes.

A anfitriã girou sobre os saltos, tocou as costas da cadeira à direita do homem para indicar que me devia sentar ali e disse-nos que um empregado não tardaria a vir até nós. O homem levantou-se e puxou a cadeira para que me sentasse. Olhei Eric. Acenou-me com a cabeça, tentando tranquilizar-me. Coloquei-me à frente da cadeira e o homem empurrou-a para a frente no momento exacto.

Eric não se sentou. Quis que ele explicasse o que se passava, mas não disse nada. Parecia quase triste.

O homem belíssimo olhava-me atentamente.

— Querida — disse, para me captar a atenção. A seguir, afastou o cabelo longo, sedoso e dourado. Nenhum dos clientes nas mesas em redor ocupava posição que permitisse ver o que me mostrava.

As orelhas eram pontiagudas. Era uma fada.

Conhecia duas outras fadas. Mas evitavam vampiros a qualquer custo porque o cheiro de uma fada é tão inebriante para um vampiro como o cheiro do mel para um urso. De acordo com um vampiro particularmente dotado no campo olfactivo, eu tinha vestígios de fada no meu sangue.

— Está bem — disse-lhe, para dar a entender que tinha percebido as orelhas.

— Sookie, este é Niall Brigant — disse Eric. Pronunciou «Nye-all».

— Vai conversar contigo durante o jantar. Estarei lá fora se precisares de mim. — Inclinou a cabeça à fada, numa vénia rígida, e partiu.

Vi-o afastar-se e senti-me subitamente ansiosa. A seguir, senti uma mão sobre a minha. Virei-me para ele.

— Como disse, chamo-me Niall. — A sua voz era suave, andrógina, penetrante. Os olhos eram verdes, do verde mais intenso que se poderia imaginar. Iluminados pela luz trémula das velas, a cor deixava de ser importante. Era a profundidade que impressionava. A sua mão sobre a minha era leve como uma pena mas muito quente.

— Quem és? — perguntei. Não queria que repetisse o nome.

— Sou o teu bisavô — disse Niall Brigant.

— Ó, merda — exclamei, cobrindo a boca com a mão. — Descul-

pa. É que... — Abanei a cabeça. — Bisavô? — repeti, testando o conceito. Niall Brigant estremeceu um pouco. Num humano, o gesto teria parecido efeminado, mas nele não.

Muitos miúdos da nossa região tratavam os avôs por «vovô». Gostava de ver como reagiria a isso. A ideia ajudou-me a recuperar a compostura.

— Explica, por favor — pedi, muito delicadamente. O empregado veio perguntar o que queríamos beber e recitou os pratos do dia. Niall pediu uma garrafa de vinho e disse-lhe que queríamos o salmão. Não me pediu opinião. Altivo.

O jovem acenou vigorosamente.

— Excelente escolha — considerou. Era um lobisomem e, ainda que esperasse que se mostrasse curioso acerca de Niall (que, afinal, era uma criatura sobrenatural rara), manifestou maior interesse em mim. Atribuí-o à sua juventude e às minhas mamas.

A coisa estranha no encontro com este autoproclamado parente foi esta: Nunca duvidei da sua sinceridade. Era realmente o meu bisavô e esse conhecimento encaixou em tudo o resto como uma peça num puzzle.

— Vou contar-te tudo — disse Niall. Muito lentamente, com movimentos denunciados, inclinou-se para me beijar na face. A boca e os olhos alteraram-se enquanto os músculos faciais se moviam em preparação para o beijo. A fina teia de rugas não retirava nada à sua beleza. Era como seda muito velha ou um quadro estalado pintado por um mestre de outras eras.

A noite revelava-se produtiva em beijos.

— Quando ainda era jovem, talvez há quinhentos ou seiscentos anos, costumava mover-me entre os humanos — disse Niall. — E, ocasionalmente, como se esperaria de um varão, encontrava uma mulher do meu agrado.

Olhei em redor para não passar o tempo todo a olhá-lo fixamente e notei uma coisa estranha: só o empregado nos olhava. Nem sequer havia olhares ocasionais vagamente na nossa direcção. E nenhum cérebro humano presente registava a nossa presença. O meu bisavô fez uma pausa e voltou a falar quando cheguei ao fim da minha avaliação.

— Vi uma dessas mulheres na floresta, certo dia. Chamava-se Einin. Acreditou que eu era um anjo. — Calou-se por um momento. — Era deliciosa — disse. — Espirituosa, feliz e simples. — Os olhos de Niall fixavam-se na minha cara. Pensei se me acharia tão simples como

Einin. — Era suficientemente jovem para me deixar afectar, suficientemente jovem para conseguir ignorar o fim inevitável da nossa ligação, quando ela envelhecesse e eu não. Mas Einin engravidou, o que foi um choque. Os cruzamentos entre fadas e humanos não costumam dar frutos. Deu à luz gémeos, o que é bastante comum entre os *fae*¹. Einin e os dois rapazes sobreviveram ao parto, algo que não era garantido nesses tempos. Chamou ao primeiro filho Fintan. Ao segundo chamou Dermot.

O empregado trouxe o vinho e fui arrancada ao feitiço lançado sobre mim pela voz de Niall. Era como se tivéssemos passado os momentos anteriores sentados à volta de uma fogueira na floresta, ouvindo uma lenda antiga. E, de repente, paf! Estávamos num restaurante moderno em Shreveport, no Louisiana, e havia gente à volta que não fazia ideia do que se passava. Ergui automaticamente o copo e bebi um gole de vinho. Senti que tinha direito a ele.

— Fintan, o de meio sangue, foi o teu avô paterno, Sookie — explicou Niall.

— Não. Sei quem foi o meu avô. — Notei que a voz estava um pouco trémula, mas mantinha-se baixa. — O meu avô chamava-se Mitchell Stackhouse e casou com Adele Hale. O meu pai chamava-se Corbett Hale Stackhouse e ele e a minha mãe morreram numa cheia repentina quando era pequena. Fui criada por Adele, a minha avó. — Apesar de recordar o vampiro no Mississípi que me dissera ter detectado vestígios de sangue da fada nas minhas veias e de acreditar que estava diante do meu bisavô, não conseguia ajustar os conhecimentos que tinha sobre a minha família.

— Como era a tua avó? — perguntou Niall.

— Criou-me quando não precisava de o fazer — disse. — Recebeu-me a mim e ao Jason na sua casa e trabalhou arduamente para nos educar da melhor forma. Aprendemos tudo com ela. Amou-nos. Teve dois filhos e enterrou-os aos dois. Isso quase deveria tê-la destruído, mas manteve-se forte por nós.

— Era bela quando era jovem — disse Niall. Os olhos verdes demoraram-se na minha face como se tentasse encontrar na neta algum traço da beleza da avó.

— Suponho que sim — disse, sem saber muito bem porquê. Não se pensa numa avó em termos de beleza. Em circunstâncias normais, pelo menos.

¹ *Faeries And Enchantment* (Fadas e Encantamento).

— Vi-a depois de engravidar de Fintan — disse Niall. — Era encantadora. O marido contara-lhe que não podia dar-lhe filhos. Porque tivera papeira no momento errado. É uma doença, não? — Respondi com um aceno afirmativo. — Conheceu Fintan num dia em que sacudia um tapete pendurado no arame, atrás da casa onde agora vives. Pediu-lhe um copo de água. Enamorou-se ali mesmo. Ela queria filhos com tamanha vontade e ele prometeu que lhos poderia dar.

— Disseste que as fadas e as pessoas não costumam ser férteis quando se cruzam.

— Mas Fintan tinha meio sangue. E sabia já que podia engravidar uma mulher. — A boca de Niall alterou-se num sorriso. — A primeira mulher que amou morreu a dar à luz, mas a tua avó e o filho tiveram mais sorte e, dois anos mais tarde, conseguiu trazer ao mundo a filha de Fintan.

— Violou-a — disse, quase esperando que assim tivesse sido. A minha avó fora a mulher mais zelosa que conhecera. Não conseguia imaginá-la a trair ninguém, sobretudo porque prometera diante de Deus que seria fiel ao meu avô.

— Não fez tal coisa. Queria filhos, apesar de não querer ser infiel ao marido. Fintan não se importava com os sentimentos alheios e desejava-a ardentemente — explicou Niall. — Mas nunca era violento. Não a teria violado em circunstância alguma. No entanto, o meu filho conseguia convencer uma mulher a fazer qualquer coisa, mesmo que fosse algo contra os seus princípios morais... E era muito bela, tal como ele.

Tentei ver a mulher que teria sido na avó que conhecia. E não consegui.

— Como era o teu pai? O meu neto? — perguntou Niall.

— Era um homem bonito — respondi. — Um trabalhador empenhado. Era um bom pai.

Niall esboçou um ligeiro sorriso.

— Que sentia a tua mãe por ele?

Aquela pergunta forçou-me a remexer nas memórias calorosas do meu pai.

— Ela... hmm... era-lhe muito dedicada. — Talvez para prejuízo dos filhos.

— Era obcecada? — O tom de Niall não era de censura, mas de certeza, como se soubesse qual seria a minha resposta.

— Muito possessiva — admiti. — Mesmo que só tivesse sete anos quando morreram, conseguia percebê-lo. Acho que pensava que seria normal. Queria muito dar-lhe toda a atenção. Por vezes, o Jason e eu

atrapalhávamos. E também me lembro de que era muito ciumenta. — Tentei parecer animada, como se os ciúmes extremos da minha mãe pelo meu pai fossem uma faceta encantadora.

— Era o sangue de fada dele que a dominava com tamanha força — disse Niall. — Alguns humanos são afectados dessa forma. Percebia o seu lado sobrenatural e deixou-se dominar por ele. Diz-me, era uma boa mãe?

— Esforçava-se muito para ser — sussurrei.

E esforçara-se, realmente. A minha mãe soubera como ser uma boa mãe em teoria. Sabia como uma boa mãe se comportava para com os filhos. Forçava-se a tomar as atitudes certas. Mas todo o seu amor genuíno era reservado para o meu pai, encantado pela intensidade da sua paixão. Conseguia vê-lo agora, como adulta. Como criança, senti-me confusa e magoada.

O lobisomem ruivo trouxe a salada e colocou-a à nossa frente. Queria perguntar-nos se precisávamos de mais alguma coisa, mas sentia-se demasiado assustado. Captara a atmosfera que envolvia a mesa.

— Porque decidiste vir conhecer-me? — perguntou. — Há quanto tempo sabes que existo? — Estendi o guardanapo no colo e deixei-me ficar com o garfo na mão. Devia levá-lo à boca. Não fora educada para desperdiçar comida. Pela minha avó. Que fizera sexo com uma criatura que era metade fada (e que lhe aparecera no pátio como um cão vadio). Sexo suficiente em tempo suficiente para gerar duas crianças.

— Tenho conhecimento da tua família há sessenta anos, mais ou menos. Mas Fintan, o meu filho, proibiu-me de ver qualquer um de vós. — Levou cuidadosamente um pedaço de tomate à boca, manteve-o ali, pensou no assunto e decidiu mastigá-lo. Comia como eu comeria se fosse a um restaurante indiano ou nicaraguano.

— O que mudou? — perguntei, imediatamente antes de perceber. — O teu filho morreu.

— Sim — admitiu, pousando o garfo. — Fintan morreu. Afinal, era meio humano. E viveu setecentos anos.

Esperaria que tivesse uma opinião sobre aquilo? Senti-me tão entorpecida, como se Niall tivesse injectado Novocaína no meu centro emocional. Talvez devesse perguntar como tinha morrido o meu... o meu avô, mas não conseguia forçar-me a fazê-lo.

— E decidiste vir falar-me disto. Porquê? — Orgulhava-me da minha calma aparente.

— Sou velho, até pelos padrões do meu povo. Gostava de te co-

nhecer. Não posso emendar a forma como a tua vida foi moldada pela herança de Fintan. Mas tentarei torná-la um pouco mais fácil, se me permitires.

— Podes acabar com a telepatia? — perguntei. Uma esperança vã, não inteiramente desligada do medo, explodiu em mim como uma mancha solar.

— Perguntas se poderei retirar alguma coisa do que define a tua essência — disse Niall. — Não. Não posso fazê-lo.

Deixei-me afundar um pouco na cadeira.

— Pensei em perguntar — admiti, contendo as lágrimas. — Tenho direito a três desejos ou isso é só com os génios?

Niall fitou-me, sem qualquer humor.

— Não te agradaria conhecer um génio — disse. — E não sou uma figura digna de troça. Sou um príncipe.

— Desculpa — disse-lhe. — Está a ser difícil aceitar tudo isto... bisavô. — Não recordava os meus bisavós humanos. Os meus avós (bom, suponho que um deles não fosse realmente meu avô) não se assemelhavam nada em aspecto ou comportamento àquela criatura belíssima. O meu avô Stackhouse morrera dezasseis anos antes e os pais da minha mãe morreram antes de eu chegar à adolescência. Por isso, conhecera a minha avó Adele muito melhor do que qualquer um dos outros. Na verdade, muito melhor do que conhecera os meus pais.

— Ei — disse —, porque me foi buscar o Eric? Afinal, és uma fada. Os vampiros enlouquecem quando cheiram fadas.

Era verdade que a maioria dos vampiros perdia o controlo quando havia fadas por perto. Só um vampiro muito disciplinado conseguiria comportar-se quando uma fada se aproximava o suficiente para lhe sentir o cheiro. A minha fada-madrinha, Claudine, morria de medo de ficar perto de um chupador de sangue.

— Consigo suprimir a minha essência — explicou Niall. — Conseguem ver-me, mas não conseguem cheirar-me. É magia conveniente. Também consigo impedir que os humanos notem a minha presença, como terás notado.

A forma como o disse fez-me perceber que não era apenas muito velho e muito poderoso, mas era também muito orgulhoso.

— Enviaste a Claudine até mim? — perguntei.

— Sim. Espero que tenha sido prestável. Apenas pessoas com sangue *fae* podem ter semelhante relação com uma fada. Sabia que precisavas dela.

— Sim, salvou-me a vida — admito. — Foi fantástica. — Até me levava às compras. — Todas as fadas são tão simpáticas como Claudine ou tão atraentes como o irmão?

Claude, *stripper* masculino e actual empresário, era tão bonito como um homem poderia ser e tinha a personalidade de um nabo egocêntrico.

— Querida — disse Niall —, todos somos belos para os humanos. Mas algumas fadas são temíveis.

Muito bem. Ali vinha o lado mau. Tive um pressentimento muito forte de que descobrir que tinha um bisavô fada deveria ser uma boa notícia, do ponto de vista de Niall, sem possuir aspectos unicamente positivos. Chegara o momento de ouvir os aspectos negativos.

— Passaste muitos anos sem ser encontrada — disse Niall — em parte por ter sido esse o desejo de Fintan.

— Mas vigiava-me? — Aquela possibilidade quase me fez sentir ternura.

— O meu filho arrependia-se de ter condenado duas crianças à existência entre dois mundos que tão bem conhecia, sendo uma fada que não era inteiramente uma fada. Receio que outros da nossa raça não lhe tenham sido simpáticos. — O olhar do meu bisavô mantinha-se firme. — Fiz o meu melhor para o defender, mas não bastou. Fintan descobriu também que não era suficientemente humano para ser visto como tal além de curtos períodos de tempo.

— Não têm este aspecto normalmente? — perguntei, muito curiosa.

— Não. — E, durante um centésimo de segundo, vi uma luz quase cegante, com Niall no centro dela, belo e perfeito. Não admirava que Einin tivesse pensado que era um anjo.

— A Claudine disse que tentava subir na hierarquia — disse-lhe. — Que significa isso? — Tentava manter-me à tona na conversa. Sentia-me como se tivesse sido deitada por terra devido a toda aquela informação e esforçava-me para me erguer emocionalmente. Não estava a ter grande sucesso.

— Não deveria ter-to dito — considerou Niall. Ponderou durante um segundo ou dois antes de continuar. — Os metamorfos são humanos com uma peculiaridade genética, os vampiros são humanos mortos transformados em algo diferente, mas os fae possuem apenas uma forma em comum com os humanos. Há muitos tipos de *fae*. Vão do grotesco, como os duendes, ao belo, como nós. — Disse aquilo sem qualquer pudor.

— Existem anjos?

— Os anjos são mais uma forma, que passou por uma transformação quase completa, tanto a nível físico como moral. Poderão ser precisos séculos para que um *fae* se torne um anjo.

Pobre Claudine.

— Mas basta de falar nisto — determinou Niall. — Quero saber de ti. O meu filho manteve-me afastado do teu pai e da tua tia e, depois, dos seus filhos. A sua morte veio tarde demais para me permitir conhecer a tua prima Hadley. Mas agora posso ver-te e tocar-te. — O que, a propósito, fazia de uma forma que não era exactamente humana: Quando a sua mão não segurava a minha, estava pousada no meu ombro ou sobre as costas. Não era exactamente assim que os humanos interagiam, mas não me incomodava. Ajudou recordar que Claudine também gostava muito de contacto. Porque não conseguia captar vibrações telepáticas de fadas, tal contacto era tolerável. Com um humano, seria bombardeada com pensamentos, já que o toque aumentava a minha sensibilidade telepática.

— Fintan teve outros filhos ou netos? — perguntei. Seria agradável ter uma família maior.

— Falaremos disso mais tarde — disse Niall, deixando claro que aquele caminho não seria seguido. — Agora que te conheço um pouco — continuou —, conta-me, por favor, o que posso fazer por ti.

— Porque deverias fazer alguma coisa por mim? — perguntei. Tínhamos falado de génios e desejos concedidos. Não voltaria ao mesmo.

— Percebo que a tua vida tem sido dura. Agora que me é permitido conviver contigo, deixa-me ajudar-te de alguma forma.

— Enviaste-me Claudine. Tem sido uma grande ajuda — repeti. Sem a muleta do meu sexto sentido, custava-me compreender qual era o estado emocional e mental do meu bisavô. Choraria o filho? Como fora o relacionamento entre os dois? Teria Fintan pensado que nos fazia um favor por manter o pai afastado dos Stackhouse durante tantos anos? Seria Niall malévolo? Teria más intenções para comigo? Poderia ter-me feito qualquer coisa horrível de longe sem se dar ao trabalho de me conhecer e sem pagar um jantar caro.

— Não queres explicar mais, pois não?

Niall abanou a cabeça, com o cabelo roçando-lhe os ombros como cortinas de ouro e prata tecidas com incrível minúcia.

Tive uma ideia.

— Consegues encontrar o meu namorado? — perguntei, esperançosa.

— Tens um homem? Além do vampiro?

— O Eric não é meu homem, mas, porque já lhe bebi o sangue algumas vezes e ele o meu...

— Foi por isso que te abordei através dele. Estão unidos.

— Sim.

— Conheço Eric Northman há muito tempo. Pensei que virias se ele te pedisse. Fiz mal?

A pergunta sobressaltou-me.

— Não — respondi. — Acho que não teria vindo se ele não me tivesse dito que era seguro. E ele não me traria se não confiasse em ti... Pelo menos, penso que não o faria.

— Queres que o mate e ponha fim ao elo?

— Não! — respondi, deixando-me enervar. — Não!

Algumas pessoas olharam-nos pela primeira vez, ouvindo a minha agitação apesar da influência do meu bisavô, que os motivava a afastar os olhos.

— O outro namorado — disse Niall, mordendo mais um pedaço de salmão. — Quem é e quando desapareceu?

— É o Quinn. O tigre metamorfo — respondi. — Desapareceu desde a explosão em Rhodes. Estava ferido, mas fui vê-lo depois disso.

— Ouvi falar do *Pyramid* — disse Niall. — Estavas presente?

Contei-lhe e o meu bisavô recém-descoberto ouviu com uma refrescante ausência de julgamento. Não se sentiu horrorizado nem espantado e não teve pena de mim. Gostei muito disso.

Enquanto falei, consegui voltar a controlar as emoções.

— Sabes que mais? — disse, quando houve uma pausa natural na conversa. — Não o procures. Sabe onde estou e tem o meu número. — «Tem tanta coisa minha», pensei, com azedume. — Há-de aparecer quando achar que pode, suponho. Ou não.

— Mas isso não me deixa nada que te possa oferecer — disse o meu bisavô.

— Deixa a oferta no ar — repliquei, sorrindo. A seguir tive de lhe explicar o que significava a expressão. — Hei-de lembrar-me de alguma coisa. Posso... falar sobre ti? Aos meus amigos? — perguntei. — Não, suponho que não. — Não conseguia imaginar-me a contar à minha amiga Tara que tinha um bisavô que era uma fada. Amelia talvez se mostrasse mais compreensiva.

— Quero manter o nosso parentesco em segredo — disse. — Fico tão feliz por te conhecer, finalmente, e quero conhecer-te melhor. — Colocou a mão na minha face. — Mas tenho inimigos poderosos e não quero que pensem em magoar-te para me magoarem a mim.

Acenei afirmativamente. Compreendia. Mas era um pouco cruel ter um parente novo e ser proibida de falar nele. A mão de Niall deixou a face e veio pousar sobre a minha mão.

— E o Jason? — perguntei. — Também vais falar com ele?

— Jason — repetiu, notando-se o desgosto na expressão. — De alguma forma, a faísca essencial passou ao lado de Jason. Sei que é feito do mesmo material que tu, mas, nele, o sangue manifesta-se apenas na sua capacidade para atrair amantes, o que não será o talento mais recomendável. Não compreenderia a nossa ligação nem a apreciaria.

O meu bisavô pareceu bastante arrogante quando disse aquilo. Comecei a dizer qualquer coisa em defesa de Jason, mas fechei a boca logo a seguir. Tinha de admitir para mim mesma que Niall estava certo. Jason faria muitos pedidos e acabaria por falar.

— Com que frequência vais estar por perto? — perguntei, esforçando-me para parecer ter ultrapassado por completo o assunto anterior. Sabia que não me expressava da melhor forma, mas não sabia como poderia estabelecer algum contacto futuro com aquele parentesco novo e bizarro.

— Tentarei visitar-te como qualquer parente faria — disse.

Tentei imaginá-lo. Niall e eu comendo no *Hamburger Palace*? Partilhando um banco na igreja ao domingo? Pouco provável.

— Sinto que há muita coisa que não me dizes — afirmei, sem rodeios.

— Nesse caso, teremos tema de conversa no nosso próximo encontro — disse ele. E piscou-me um olho verde-marinho. Sim, fora inesperado. Passou-me um cartão, outra coisa que não esperara. Dizia apenas: «Niall Brigant», com um número de telefone por baixo, ao centro. — Podes contactar-me neste número a qualquer hora. Alguém atenderá.

— Obrigada — disse. — Suponho que tens o meu número. — Acenou afirmativamente. Pensei que queria partir, mas deixou-se ficar. Parecia tão relutante em terminar o encontro como eu. — Então — comecei, pigarreando. — O que fazes durante o dia? — Não consigo partilhar como era estranho e agradável estar com alguém da família. Só tinha Jason e não era propriamente um irmão chegado, do tipo a

que poderia contar tudo. Podia contar com ele numa emergência, mas passar tempo comigo? Não aconteceria.

O meu bisavô respondeu à pergunta, mas, depois, quando tentei recordar o que disse, não consegui lembrar nada de específico. Suponho que teria recorrido às suas artimanhas de príncipe das fadas. Contou-me que detinha a propriedade partilhada de um banco ou dois, de uma empresa que fazia mobiliário de jardim e... (isto pareceu-me estranho) de uma empresa que desenvolvia e testava medicamentos experimentais.

Olhei-o, sem perceber.

— Medicamentos para humanos? — perguntei, para ter a certeza de que teria percebido.

— Sim. Na maior parte dos casos — respondeu. — Mas alguns dos químicos fazem coisas especiais para nós.

— Para os *fae*.

Acenou afirmativamente, com o cabelo sedoso cor de trigo caindo-lhe em volta da cara enquanto movia a cabeça.

— Há tanto ferro agora — disse. — Não sei se sabes que somos muito sensíveis ao ferro. E, se usarmos sempre luvas, chamamos atenções exageradas no mundo moderno. — Olhei-lhe a mão direita sobre a minha, na toalha branca. Libertei os dedos e toquei-lhe a pele. Era estranhamente suave.

— É uma luva invisível — disse.

— Exactamente — confirmou. — Uma das suas fórmulas. Mas basta de falar sobre mim.

«Logo quando ficava interessante», pensei. Mas conseguia perceber que o meu bisavô não tinha motivos reais para me confiar todos os seus segredos.

Niall perguntou-me pelo meu emprego, pelo meu patrão e pela minha rotina diária, como um bisavô real faria. Apesar de ser claro que não lhe agradava que a bisneta trabalhasse, o facto de o fazer num bar não pareceu perturbá-lo. Como disse, Niall não era fácil de ler. Os seus pensamentos não estavam ao meu alcance. Mas notei que, ocasionalmente, impedia-se de dizer qualquer coisa.

Quando o jantar chegou ao fim olhei o relógio, espantada pela quantidade de horas passadas. Precisava de ir. Trabalhava no dia seguinte. Pedi licença, agradecendo ao meu bisavô (continuava a arrepiar-me pensar nele assim) pela refeição e, com grande hesitação, debruçando-me para o beijar na face, como ele me beijara

antes. Pareceu sustar a respiração enquanto o fiz e a sua pele parecia macia e lustrosa ao tocar os meus lábios. Era como beijar uma ameixa sedosa. Mesmo que conseguisse parecer um humano, o tacto não se deixava enganar.

Levantou-se quando parti, mas deixou-se ficar junto à mesa (presumi que o fizesse para se ocupar da conta). Sai sem interiorizar nada do que os meus olhos viram pelo caminho. Eric esperava-me no parque de estacionamento. Tinha bebido *TrueBlood* enquanto esperava e lera no carro, estacionado sob um candeeiro.

Sentia-me exausta.

Não percebi como o jantar com Niall tinha sido esgotante até estar longe dele. Mesmo que estivesse sentada numa cadeira confortável durante toda a refeição, sentia-me cansada como se tivéssemos conversado enquanto corríamos.

Niall conseguira camuflar o odor de fada a Eric, no restaurante, mas vi pela forma como as suas narinas se abriam que o cheiro inebriante se embrenhara em mim. Fechou os olhos em êxtase e lambeu os lábios. Senti-me como um bife do lombo longe do alcance de um cão faminto.

— Controla-te — disse. Não estava para aí virada.

Com enorme esforço, Eric controlou-se.

— Com um cheiro desses — começou —, só quero foder-te, morder-te e esfregar-me por cima de ti.

Era bastante esclarecedor e não direi que não houve um segundo (dividido em partes iguais entre luxúria e medo) em que imaginei precisamente tal actividade. Mas tinha assuntos mais urgentes em que pensar.

— Tem calma — disse. — O que sabes sobre fadas? Além de serem apetitosas?

Eric olhou-me com o olhar menos turvo.

— São encantadoras, os machos tanto como as fêmeas. Incrivelmente duras e ferozes. Não são imortais, mas vivem muito tempo, a não ser que lhes aconteça alguma coisa. É possível matá-las com ferro, por exemplo. Há outras formas, mas é trabalho árduo. Costumam manter a discrição. Apreciam climas temperados. Não sei o que comem ou bebem quando estão a sós. Provam a comida de outras raças. Já vi uma fada experimentar sangue. Acham-se melhores do que deveriam. Quando dão a sua palavra, mantêm-na. — Pensou, por um momento. — Têm magias diferentes. Nem todas conseguem

fazer as mesmas coisas. Mas a sua magia é sempre poderosa. É a sua essência. Não têm deuses. Veneram-se a si próprias. Foram muitas vezes confundidas com deuses. Aliás, algumas tomaram para si atributos de divindade.

Olhei-o, de olhos arregalados.

— Que queres dizer com isso?

— Bom, não digo que sejam divinas — explicou Eric. — Apenas que as fadas que habitam as florestas se identificam tão fortemente com a floresta que magoar uma equivalerá a magoar a outra. Por isso, os seus números têm sido bastante reduzidos. Obviamente, os vampiros não estão por dentro da política das fadas e de questões relacionadas com a sua sobrevivência, já que lhes somos tão perigosos... apenas porque as achamos inebriantes.

Nunca me ocorreu fazer perguntas sobre aquilo a Claudine. Parecia não lhe agradar falar sobre a sua natureza de fada. E, quando surgia, fazia-o normalmente quando eu estava em sarilhos e, portanto, com a cabeça infelizmente ocupada. Por outro lado, imaginara que existiria apenas um punhado de fadas no mundo, mas Eric contava-me que, outrora, existiram tantas fadas como vampiros, apesar da diminuição recente dos seus números.

Em contraste absoluto, os vampiros (pelo menos na América) estavam decididamente em expansão. Havia três propostas de lei no Congresso lidando com a imigração de vampiros. Cabia à América (juntamente com o Canadá, o Japão, a Noruega, a Suécia, a Inglaterra e a Alemanha) a distinção de ser um país que reagira à Grande Revelação com relativa calma.

Na noite da Grande Revelação cuidadosamente orquestrada, vampiros de todo o mundo surgiram na televisão, na rádio ou pessoalmente, quaisquer que fossem as melhores formas de comunicação de uma região, para dizer à população humana: «Olá! Afinal existimos. Mas não somos uma ameaça! O sangue sintético inventado pelos japoneses satisfaz as nossas necessidades nutricionais.»

Os seis anos passados desde então tinham sido uma longa aprendizagem.

Naquela noite, acrescentara muitos elementos novos à minha provisão de conhecimentos sobrenaturais.

— Então os vampiros têm a vantagem — disse.

— Não estamos em guerra — afirmou Eric. — Há séculos que não estamos em guerra.

— Isso quer dizer que, no passado, vampiros e fadas lutaram uns contra os outros? Em batalhas?

— Sim — respondeu Eric. — E, se voltássemos ao mesmo, o primeiro que eliminaria seria Niall.

— Porquê?

— É muito poderoso no mundo das fadas. A sua magia é muito poderosa. Se for sincero no seu desejo de te acolher sob sua protecção, podes considerá-lo, em simultâneo, uma sorte e um azar. — Eric rodou a chave na ignição e saímos do parque de estacionamento. Não vira Niall sair do restaurante. Talvez se tivesse limitado a desaparecer na sala de jantar. Esperava que tivesse pago a nossa conta antes de o fazer.

— Suponho que terei de te pedir que expliques isso — disse-lhe. Mas sentia que não queria realmente saber a resposta.

— Outrora, existiram milhares de fadas nos Estados Unidos — disse Eric. — Agora, são apenas centenas. Mas as que restam são sobreviventes muito determinadas. E nem todas vêm o príncipe como amigo.

— Perfeito. Precisava de outro grupo sobrenatural a não gostar de mim — murmurei.

Continuámos em silêncio pela noite, a caminho da interestadual que nos levaria para leste, em direcção a Bon Temps. Eric pareceu muito pensativo. Também eu tinha muito em que pensar. E isso pesava-me mais do que o que comera ao jantar, sem dúvida.

Descobri que, no geral, me sentia cautelosamente feliz. Era bom ter uma espécie de bisavô muito fora de tempo. Niall pareceu genuinamente ávido por se relacionar comigo. Tinha ainda muitas questões a colocar, mas poderiam esperar até nos conhecermos melhor.

O *Corvette* de Eric conseguia andar muito depressa e o condutor não respeitava propriamente o limite de velocidade na interestadual. Não me surpreendeu muito ver as luzes rotativas aproximarem-se por trás de nós. Só me espantou que o carro-patrolha conseguisse alcançar Eric.

— Hmm... — disse. E Eric praguejou numa língua que, provavelmente, não era falada há séculos. Mas até o xerife da Área Cinco tinha de obedecer às leis humanas ou, pelo menos, fingir que o fazia. Encostou à berma.

— Com uma matrícula personalizada a dizer SNGSSG o que esperavas? — perguntei, divertindo-me com o momento e não conseguindo escondê-lo por inteiro. Vi o vulto sombrio do polícia sair do

carro atrás de nós, aproximando-se com algo na mão... Uma prancheta? Uma lanterna?

Olhei melhor. Abri a mente. Uma massa contorcida de agressividade e medo inundou-me o cérebro.

— Lobisomem! Há qualquer coisa que não está bem — disse. A mão de Eric empurrou-me para baixo, o que teria ajudado mais se o carro não fosse um *Corvette*.

A seguir, o polícia aproximou-se da janela e tentou atingir-me com um tiro.